



SER.

Periódico do Grupo Gurdjieff de São Paulo inverno/2001. Número 2

A casa da rua Augusta

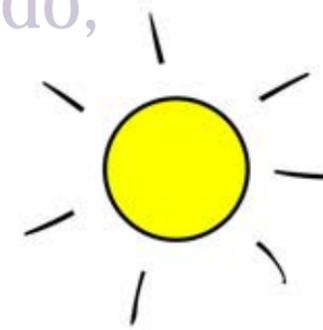
por Maria Aparecida Ramos De Stefano



Tu és a casa onde reside
A força da pura magia,
Onde o mundo lá de fora,
Vestido de banalidade,
Mascarado de angústia e melancolia,
Adentra e se transforma.
Em teu jardim, as árvores se balançam
na noite imóvel,
O exalar da terra e das flores penetra
nossas narinas;
Que sensação de paz... A natureza nos envolve,
Libertando-nos do medo e do martírio
De não enxergar além do dia-a-dia.
És palco e templo a um só tempo:
Em teu regaço, acolhes quem te procura
Para ouvir verdades reconhecidas,
Sorrir sorrisos de pura alegria,
Dançar movimentos de harmonia,
Fazendo de nossa vida
Um bom motivo para ser vivida;
Entre tuas paredes visitamos,
Da alma, os mais recônditos recantos,
E o silêncio desse recolhimento,
E as palavras dos que nos guiam
Fazem vibrar em teu âmago
O sumo da sabedoria.



um cocheiro andrajoso,
meio adormecido,
meio bêbado



o cocheiro
deixou de ter
sobre o cavalo
a menor influência



fica horas sonhando
acordado

ele é do tipo João Ninguém

*Editores*Paulo A. S. Raful
Lauro A. S. Raful*Editora executiva*

Carmem Sílvia de Carvalho

*Equipe de apoio*Dimitrius A. Nassyrios
Antonio Dias
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Beatriz Sztutman
Maria Flora de Almeida*Projeto gráfico*

Shadow Design

Ilustrações dos Seminários e da Capa

Ivo Minkovicius

Ilustrações do texto "Parábola da Carruagem"

Mário Luiz de Camargo

*Fotografias*Maria Aparecida Ramos De Stefano
Carmem Sílvia de Carvalho*Tradução dos textos tradicionais*

Maria Aparecida Ramos De Stefano

*Tradução da "Parábola da Carruagem"*Marian Suzano Bleier
Júlia Vieira Margarido
Terri Anne Mitchell Veneziane*Revisão de textos*Maria Eugênia da Rocha Nogueira
Carmem Sílvia de Carvalho*Entrevistas*Maria Aparecida Ramos De Stefano
Carmem Sílvia de Carvalho*Transcrição de fitas*

Natasha Bleier Ottolenghi

Impressão e acabamento

Copy Center

© Copyright

Paulo A. S. Raful e Lauro A. S. Raful

Editora Esoatenca

Caixa Postal 60.010 São Paulo SP
CEP: 05096-970

e-mail: revistaser@ig.com.br

ÍNDICE

<i>Carta aos leitores</i>	3
<i>Entrevistas</i>	
· Conversando com Lauro Raful	4
· O mundo mágico das Mil e Uma Noites (por Lauro Raful)	12
· A beleza de ser (uma entrevista com Beatriz Sztutman)	17
<i>Poesias</i>	
· Um poema de Madre Teresa de Calcutá	21
· Meditação	21
· Um poema de Clarice Lispector	28
· Um poema de Jorge Luiz Borges	29
· A casa da rua Augusta	44
<i>Artigos</i>	
· Jóias pinçadas de um tesouro	22
· Servir	23
· Eneagrama	25
· O despertar do pensar	26
· Yoga	27
<i>Textos tradicionais</i>	
· Os três filamentos do espírito	30
· As dez encarnações de Vishnu	31
· O caminho do apaziguamento	31
· Hua Hu Ching	33
· Da tradição judaica	34
· Parábola da carruagem	34
<i>Lenda</i>	43
<i>Seminários Transcritos</i>	
· Os 50 princípios da arte de amar	40
· Os 50 princípios da boa sorte	42

Se eu tiver essas três vertentes de força, a probabilidade de sucesso em qualquer pilar é muito maior. Isso vale para namoros, negócios, tudo o que eu oferecer ao mundo. Não adianta só pagar a escola dos filhos e achar que está cumprindo o dever de pai. Para ser adequado eu preciso de sintonia, isto é, uma atitude fina de interes-

se por uma pessoa ou situação. Ser inadequado é ser inoportuno, desajeitado. Por exemplo: oferecer serviço odontológico para tubarão ou dar um taco de beisebol para um moleque de rua. Às vezes, o que falta é o entusiasmo, a confiança no que proponho: sem ela, os outros dois aspectos não bastam. Aprenda a sempre questionar e

reduzir drasticamente suas expectativas para oferecer com maior qualidade.

Às vezes, o retorno pode vir lentamente e/ou de forma misteriosa, sob circunstâncias que eu não esperava, por meio de quem não era meu alvo. Se uma determinada pessoa não responde, o mundo responde, o cosmo responde.

LENDA JUDAICA

Deus convidou um rabino para conhecer o céu e o inferno. Ao abrir-se a porta do inferno, viu uma sala em cujo centro havia um caldeirão onde se cozinhava uma succulenta sopa. Em volta dela, estavam sentadas pessoas famintas e desesperadas. Cada uma delas segurava uma colher de cabo tão comprido que lhe permitia alcançar o caldeirão, mas não suas próprias bocas. O sofrimento era imenso. Em seguida, Deus levou o rabino para conhecer o céu. Entraram em uma sala idêntica à primeira; havia o mesmo caldeirão, as pessoas em volta, as colhe-

res de cabo comprido. A diferença é que todos estavam saciados. — Eu não compreendo, disse o rabino, por que aqui as pessoas estão felizes, enquanto na outra sala

morrem de aflição, se é tudo igual? Deus sorriu e respondeu: — Você não percebeu? É porque aqui eles aprenderam a dar comida uns aos outros.



Aurora consurgens, inícios do século XVI

OS 50 PRINCÍPIOS DA BOA SORTE

(Transcrição dos Seminários de Paulo A. S. Raful e Lauro A. S. Raful, realizada por Rodrigo Greguol)

Apóie-se na terra.

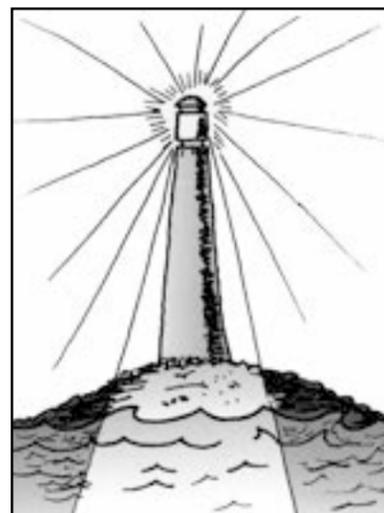


Quando nossos empreendimentos estão numa escalada de sucesso, ficamos entusiasmados, o que é compreensível. Quando decaem, ficamos abatidos, o que também é compreensível. É pena que não nos apercebamos de que tanto num caso como noutra, a mãe-terra está sempre generosamente nos sustentando e apoiando em nossos movimentos; sobre ela caímos e dela nos erguemos.

Vaidade, orgulho, presunção são atitudes “altas”, longe da terra. Quando quiser fugir disso, volte para a terra, que me dá força e energia. Humildade vem de “húmus”, é estar perto da terra. Em momentos de fracasso, busque força no contato concreto com a terra das seguintes maneiras: 1. procure andar por locais arborizados; 2. deite-se de cos-

tas sobre a grama; 3. cuide de plantas, mexa com terra; 4. abrace uma árvore, entre em contato com ela, fique pequeno diante da imensidão das árvores; 5. lide com água corrente. Tenha contato físico com qualquer coisa que brota da terra. São maneiras de reintegrar-se a ela. Perceba como você é pequeno diante da natureza. O balão enorme de presunção desinfla.

Esteja atento.



Sorte, dinheiro e sucesso não combinam com desatenção. A desatenção e o descuido são os maiores produtores de má sorte. Tudo o que existe por muito tempo convida a desatenção (casamento, empresa, filhos...). Esteja sempre



42

“antenado”. É muito comum o mestre artesão acidentalmente mais que os aprendizes, porque estava no piloto automático. Atue com mais atenção, seja atencioso nas suas relações. A lâmpada do farol gira 360 graus e está no alto. Estar na escuta é tomar o pulso da vida. É o oposto da preocupação. Atenção é ouvir. Atente ao invés de falar. Atente ao que vai dizer. Estou desatento quando não tenho energia ou quando não tenho mais interesse (e aí, matou!). Se me preocupar com detalhes, esqueço-me do essencial.

São três as condições para o sucesso.



Há três condições básicas para o sucesso nos empreendimentos: oferecer apenas o que tem substância e valor; atuar oportuna e adequadamente; dedicar-se com “garra” e coração.

CARTA AOS LEITORES

S.E.R nasceu com nome de jornal mas com cara de revista. Assim, em seu segundo número, foi definitivamente batizado como revista, sob as bênçãos de sua madrinha e patrona: Memória.

A partir desta edição, passamos a contar com o ótimo trabalho de uma Equipe de Apoio: Dimitrius Nassyrios, Antonio Dias, Beatriz Sztutman, Cida De Stefano e Flora de Almeida. Ela tem como função básica assessorar os editores em sua tarefa de publicar uma revista sempre em evolução, permanentemente comprometida com a busca da qualidade, tanto na forma como no conteúdo.

Porque temos um sonho: construir, passo a passo, número a número – com a ajuda de todos – um veículo de transmissão de alguns dos ensinamentos e experiências de nossa escola gurdjieffiana e de outras tradições esotéricas igualmente importantes.

Sugerimos aos nossos leitores que leiam a revista com a mesma atitude com que um enófilo degusta os vinhos de sua adega: concentradamente, calmamente, amorosamente, dionisiacamente. Encontrarão vinhos de vários tipos. Alguns são mais densos. Outros, mais leves. Alguns, mais secos. Outros, mais suaves. Vocês terão três meses para essa degustação!... Aproveitem.



CONVERSANDO COM LAURO RAFUL

Você e Paulo são mestres espirituais e irmãos. Estão juntos nessa viagem interior desde muito jovens, compartilhando tudo. Seus alunos mais antigos são unânimes em dizer que jamais os viram brigando ou disputando o poder; pelo contrário, sempre demonstraram em cada palavra, gesto, olhar, um sentimento de profunda afeição, respeito e admiração um pelo outro. Isso é um verdadeiro milagre no mundo em que vivemos, onde a regra geral é a competição, a luta pelo poder, a mentira e a inimizade. Como é possível uma experiência tão inédita em que aparece, ao mesmo tempo, uma irmandade de sangue e de alma? Essa situação existe desde que vocês eram crianças? Como é que vocês resolvem as diferenças? Nunca acontece um quebra-pau nos bastidores? Conte para a gente como é isso.

Na verdade, é uma relação que eu chamaria de cármica. É como se tivéssemos nascido irmãos para que pudéssemos fazer um trabalho interior aprofundado, ajudar pessoas e trilhar nosso caminho de desenvolvimento pessoal. Mas é uma relação cármica, eu insisto nisso porque, desde cedo, por volta dos 18 anos, já começamos a ter um relacionamento muito bom e a percorrer nosso caminho interior juntos, no caso, a partir de uns 17, 18 anos para ele, que é mais velho um pouco. Então, pudemos ter um contato muito bom desde essa época. Fizemos tudo juntos; na parte financeira também, fomos sócios em várias atividades. As diferenças, que naturalmente acontecem, são resolvidas dialogando, conversando, sem um querer ser melhor do que o outro. Não há uma relação de tirania entre nós; dizemos o que

tem de ser dito, o necessário, mas sem raiva, sem bronca, sem ódio. Os relacionamentos deveriam ser assim, relacionamentos em que o afeto e a amizade viriam em primeiro plano. Dessa forma, tudo pode ser feito em parceria. Evidentemente, cada um tem um tipo; então, no relacionamento, temos de saber o que pode ser falado ao outro e o jeito de falar, tanto de mim para ele quanto dele para mim. E depois, cozinhando aquilo que foi sendo dito, e trabalhando em cima disso, estamos trabalhando interiormente. Eu insisto nisso: as relações humanas entre amigos, irmãos, homens e mulheres e outras, deveriam ser assim também, deveríamos falar tudo aquilo que precisamos falar. Eu vejo, nos contatos que temos aqui, que os maridos e as esposas não se falam entre si, têm medo de se expor, as mulheres tendo

vergonha de falar uma série de coisas para os maridos, e os maridos também com vergonha de falar para as mulheres o que gostariam. Vivem numa relação durante 10, 15, 20 anos ou mais, sem se expressar, sem trabalhar a relação, sem conhecer um ao outro. E com isso nós só temos crescido, tanto o Paulo quanto eu. Cada um tem um jeito de se aproximar de certas coisas, cada um tem uma forma, cada um pode aportar uma contribuição diferente para as pessoas que nós lideramos, com as quais temos um relacionamento aqui, de mestre e aluno. Cada um de nós pode trazer uma forma de pensar, outras vezes um sentimento, tanto faz, a cada momento um trará uma coisa. Mas, para isso, precisamos ter um objetivo, e sempre nos referirmos ao Mais Alto, como na história que contamos, em que tudo o que o pescador fazia era em nome de algo que transcende, no caso da história, em nome de Alá, do Todo Poderoso, do Criador, do Misericordioso. Se os relacionamentos fossem baseados em algo mais alto, em algo que nos transcende, as coisas poderiam funcionar de uma maneira muito mais coerente. E eu vejo nas pessoas com quem faço um trabalho pessoal, que a grande dificuldade é que não têm “em nome do quê”, não há uma relação que atinja uma verticalidade,

íntimo, interno. *A melhor maneira de dominar é servir.* Como não deixar essa generosidade calorosa se transformar em submissão? A relação é importante porque é uma oportunidade de o amor se manifestar. Porém, muito mais importante é o que sinto, é sentir o amor. Quando não há resposta à altura e um passa a querer subjugar o outro, é porque um não está vivendo o mesmo nível de qualidade do outro, isto é, os estados de amadurecimento não são os mesmos; um dos dois não está preparado. Dificilmente a capacidade para o amor e o relacionamento está no mesmo patamar em cada um dos membros do casal.

O amor é o único que pode me dar tudo que espero do outro. Os dois senhores: o egocentrismo tirânico e a generosidade calorosa. O amor é o fogo que simboliza Deus. O amor dissolve relacionamentos, famílias, estruturas, porque não pertence a este mundo organizadinho, horizontal. É uma força superior. O fogo pode ser destrutivo e devastador ou dar luz e calor. O amor é um impulso sagrado que é seqüestrado por meu egocentrismo, que me faz julgar-me a pessoa mais importante do mundo, e me leva a me sentir especial. E quando o momento passa, fica-

mos desesperados, porque queremos sempre sentir aquilo. É o lado devastador. O amor pode ser uma profunda generosidade quando você quer bem. As mulheres têm uma noção mais clara desse sentimento por causa da maternidade. O fogo do amor deve brilhar para fazer do outro um ser humano melhor. Generosidade é ter consciência de que estou ajudando no seu crescimento - pode ser um animal, uma planta, um filho, um amigo.

Trabalhe as causas.



Há muitas causas para a desunião, mas as principais são: agitação desenfreada, falta de sintonia sexual e de calor no coração, desejos antagônicos, atmosfera pessoal negativa, dificuldade em se fazer entender, visão estreita, incapacidade de colocar-se no lugar do outro e a fundamental: tipos que não

combinam essencialmente. As famílias deveriam ensinar esse cardápio para os filhos desde pequenos, apesar de ser utópico. Esse cardápio, na verdade, é de florescimento pessoal, a ser trabalhado.

A agitação é inimiga do amor, é uma barreira enorme para a calma e a sensibilidade se manifestarem. A falta de sintonia sexual e calor no coração, infelizmente, é preenchida pela competição, pela disputa, pelo poder, pela vitória sobre o outro. Quando duas pessoas não combinam essencialmente, pode esquecer. Isso vale para o amor e o sexo, os negócios, as amizades, os pais e os filhos. O outro não tem obrigação de agüentar nossa atmosfera pessoal negativa, nosso jeitão chato; ninguém tolera pessoas negativas. Graças a Deus, existem seres humanos que têm a finura de perceber a essência além da pessoa. Normalmente sou tão agitado que nem enxergo o outro.

A maior parte das pessoas não tem expressão própria, procura se comportar de acordo com a expectativa do outro. Uma grande causa de problemas entre pais e filhos é o fato de eles serem tipos não compatíveis. Conseguiremos crescer demais se estivermos abertos amorosamente para alguém que é um outro tipo.

OS 50 PRINCÍPIOS DA ARTE DE AMAR

(Transcrição dos Seminários de Paulo A. S. Raful e Lauro A. S. Raful, realizada por Rodrigo Greguol)

Abra-se para os planos sutis do amor.



A relação amorosa é uma longa escalada com muitos topos a alcançar. Não há um ponto máximo, sempre existirão novas possibilidades e planos sutis que se revelam durante a subida.

Quando houver compatibilidade e uma atitude de abertura do casal, a troca de alimento pode ser interminável. E pode não ocorrer com mais ninguém fora desse relacionamento, porque os dois se prepararam para isso. Há pessoas com a inteligência de saber quando, como e o quê dar e receber na relação, que sabem quando manter uma posição e quando ceder. Vão crescendo ao mesmo tempo, cada vez mais.

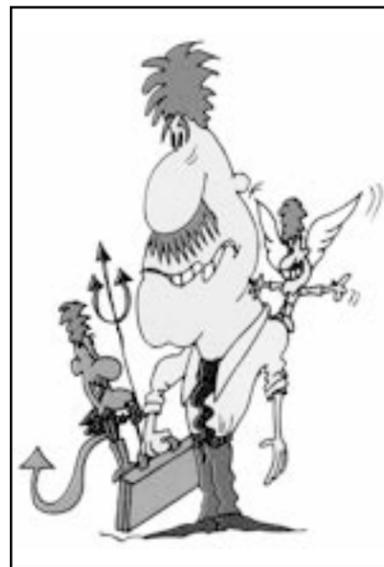
Um casal pode descobrir junto patamares de maravilhamento quando se abre para planos mais sutis. Maravilhamento é como água - não pode ficar parada. Um relacionamento assim é espinhoso, mas contém grandes promessas, pode ser muito duradouro e dá momentos de grande riqueza. Dois grandes mistérios: a masculinidade do homem e a feminilidade da mulher. Os dois juntos tentam vislumbrar o mistério do ser humano. Quando o conseguem, apesar de si próprios, começa a acontecer esse maravilhamento, e não há limites. O maior equívoco é que não sabemos que somos ignorantes no campo do amor. Não percebemos que não compreendemos esse ponto central do ser humano.

Não sirva a dois senhores.

O amor é um fogo que não pode servir a dois senhores: ou se submete à tirania do egocentrismo, tornando-se destruidor, ou se devota a uma generosidade calorosa que gera o melhor que pode haver na relação homem-mulher.

O amor é um fogo; todas as tradições procuram simbolizar Deus pelo fogo. Todo ser huma-

no busca o amor porque ele é Deus, é nuclear. Todo fogo pode ser generoso ou destrutivo. Servir ao egocentrismo, por exemplo, é querer dominar os outros, querer que todos me considerem a pessoa mais importante do mundo. Mendigo atenção e, sem me dar conta, passo a ser escravo disso, que transfigura qualquer impulso de amor que tenha por outra pessoa em ciúme, possessividade. O fogo do amor é raptado pelo egocentrismo. O fogo generoso surge quando desejo o crescimento do outro. Para desejar o bem da pessoa amada, ponho-me em segundo lugar. Cedo ou tarde



vou pagar se não tiver essa atitude - seja com o cônjuge, com os filhos, os amigos e até mesmo com uma planta. É um ato

ficam na horizontalidade. A disputa é fatal: querem disputar posição, cargos, e isso não interessa. Para haver um bom relacionamento, é preciso ter uma simpatia mútua, tem de haver uma coisa de coração limpo, temos de gostar um do outro. Enquanto não houver essa relação de amor, não pode haver um bom relacionamento, nem entre homem e mulher, marido e esposa, amante e tal. Filho também, a gente pensa que tem de amar filho porque tem de amar. Não. Se o filho não o ama também, é difícil ter algo a trocar.

Hoje, além das atividades normais do Grupo, você desenvolve sozinho um trabalho com alguns alunos e pessoas de fora, uma forma de tratamento individual para homens e mulheres. O que é esse trabalho e qual é o objetivo?

Esse trabalho é, como você disse, um trabalho individualizado. Leva em torno de duas horas e é uma forma de colocar a pessoa no estado profundo do seu próprio ser. É uma maneira de tirar a pessoa do seu diálogo interno, do falatório interno da sua cabeça. Ela sai da racionalidade, na qual vive habitualmente, e é colocada num estado em que ficam mais evidentes para ela as suas sensações e sentimentos. Em termos gurdjieffianos, é como se a

Atlântida, que estava submersa, viesse à tona. Eu as coloco em um estado de grande profundidade, uma profundidade induzida por mim, evidentemente, que eu diria ser um poder que desenvolvi nesses últimos anos e, através desse poder, as pessoas não ficam mais no seu plano superficial, entram naquilo que é o mais essencial nelas, seus sentimentos. Há um mergulho muito profundo - simbolizado pela Atlântida, que é a sua consciência profunda, seus sentimentos profundos, suas sensações e também um pensar sem formas. Estamos habituados a um pensar que é "elocubrativo", composto por raciocínios e frases feitas enquanto que, no caso, há um pensar amplo, onde não há frases feitas. A pessoa entra assim em mundos que não conhecia, tendo uma visão muito ampla de si mesma, viajando, inclusive, por mundos internos, segundo o comentário de várias pessoas aqui. Mundos internos são as visões e forças interiores que até então desconhecia, forças que não estavam a seu alcance habitualmente e, com isso, a pessoa muda sua forma de pensar, de sentir suas "sensações" e "sentimentos". Ao mesmo tempo, sua vida começa a mudar, porque a sua energia muda e, mudando a energia, o mundo responde diferentemente. O mundo nos responde conforme o que

emitimos e, quando a pessoa se transforma energeticamente e na sua forma de ver o mundo, ele responde diferentemente. É um milagre, uma mudança radical! Tenho visto mudanças radicais nas pessoas, elas mudam da água para o vinho. É claro que há pessoas que não mudam, que têm dificuldades, mas aquelas que vão ficando e aceitando o trabalho vão mudando radicalmente. Se, por exemplo, sentiam dificuldades no setor financeiro ou nos relacionamentos sociais e familiares, muitas dessas coisas vão-se resolvendo. Pouco antes desta entrevista, estive aqui uma pessoa que, há um ano, tinha a vida toda bagunçada. De repente, ela começou a se desenvolver muito bem, os pro-



blemas foram cessando. Na realidade, não é que eles tenham cessado, ela se transformou e, por isso, seus problemas foram se transformando, enquanto que as pessoas à sua volta – as irmãs, a sogra, a mãe –, que não se “alçaram” desse outro estado, continuam vivendo mergulhadas naquela confusão, naquele poço de problemas. Ela não. Está tirando de letra, e o que há seis meses parecia difícil de ser resolvido, tornou-se fácil. Mas se me perguntarem o nome desse trabalho, eu não saberia dizer. Só diria que é uma forma de magnetizar a pessoa. Trata-se de uma questão de magnetismo, à qual não darei nome. Mas é por meio dele que o mundo interior da pessoa – o melhor do seu ser – aflora. É claro que, quando ela volta desse estado, volta com as dificuldades que vieram à superfície durante a prática. Mas, pouco a pouco, esse estado que estava lá no fundo e que veio para a superfície vai-se instalando também no seu dia-a-dia. Fica uma lembrança e vai silenciando a mente, acalmando o peito, e a pessoa passa a ter um relacionamento melhor com o seu organismo. É esse o objetivo do trabalho interior.

Nos últimos tempos, você tem feito, em alguns grupos, um trabalho em que usa o som de instrumentos e da própria voz. A pergunta é:

qual a importância desse trabalho e quais têm sido seus frutos?

O som, na realidade, é a primeira coisa que se manifesta no Universo. Ele é o Verbo e é anterior à luz. Então, o som é aquilo que está nos primórdios. Temos de entrar em contato com a vibração em si e não com palavras, porque nossas palavras não têm o significado que as palavras tinham em sânscrito e em todas as línguas ditas sagradas. O que nós temos de buscar é o som mesmo, o som primordial, o OM ou AUM e outros sons que são a vibração inicial. Essas vibrações tocam nossos três centros e nossos sete chacras. Na verdade, ao tocá-los, estão transformando-os visceralmente. Com isso, há uma abertura maior no nosso mental e o diálogo interno cede muito mais quando ocorre esse som, essa vibração sonora; relaxamos também as emocionalidades, além dos músculos e nervos de nosso corpo. Trabalhando com a vibração, numa prática para 20, 30, 40, 50 pessoas, estou mexendo diretamente em cada uma das pessoas que estão ali – estou entrando, fazendo uma emanção direta, que mexe diretamente. É bastante sensível! Nas práticas individuais, também tenho usado esse recurso, e faço isso diretamente na pessoa. O que ocorre é que isso muda a vibração dela. Então, se a



pessoa chegou em uma vibração nervosa, por exemplo, essa vibração se transforma; se ela chegou em uma vibração apressada, transforma-se e entra na calma. Esse som é fundamental! Temos trabalhado, por enquanto, com o OM e o AUM, mas depois faremos outros sons, variações do OM. Na realidade, tudo é variação do OM, tudo, qualquer som. Agora há pouco, estávamos escutando o som de um gerador que foi ligado por causa do “apagão”. Esse som é uma variação do OM... Então, os frutos estão aparecendo, e muito, para as pessoas. A primeira coisa que existe é o silêncio e a primeira manifestação do silêncio é o som. “No princípio era o Verbo nele estava a vida e a vida era a luz dos homens” (Jo 1; 1,4). Deus precisou do Verbo para criar a luz. Já que estamos falando do Verbo, diremos que o Verbo é criador de imagens, é criador de mundos. Quando propo-nho às pessoas que imaginem, por exemplo, que estão dentro de uma catedral, e elas visualizam a catedral, elas estarão, de fato, dentro da catedral e, então, elas materializam alguma coisa. É claro que alguns não sentirão, uns sentirão mais, outros menos; mas a palavra cria mundos, ela é o grande veículo do ser humano; só o ser humano tem o dom da palavra no planeta. Ela cria e destrói: se eu digo para mim mesmo “sou uma

entre o cavalo e o cocheiro, que lhes permita, por pouco que seja, compreenderem-se automaticamente, há ainda muitas razões exteriores, independentes deles, que lhes tiram toda a possibilidade de alcançar juntos a meta única a que foram destinados.

De fato, assim como as diferentes partes independentes de uma carruagem estão ligadas entre si – a carruagem ao cavalo pelos varais e o cavalo ao cocheiro pelas rédeas – do mesmo jeito, todas as diferentes partes da organização geral do homem estão ligadas entre si: o corpo com a organização do sentimento pelo sangue, e a organização do sentimento com a do pensar pelo que se chama “ghambledzoine”, ou seja, por essa substância que se forma na presença geral do homem a partir de todos os esforços de ser intencionalmente realizados.

O deplorável sistema de educação atual levou a tais conseqüências,

que o cocheiro deixou de ter sobre o cavalo a menor influência; apenas se pode provocar no consciente do animal, por meio das rédeas, estas três idéias: direita, esquerda e pare.

Mesmo não sendo sempre assim, pois as rédeas geralmente são feitas de materiais que reagem a todos os fenômenos atmosféricos (por exemplo, sob uma chuva torrencial, incham-se e alargam-se; quando faz calor, acontece o contrário), o fato é que sua ação sobre a sensibilidade automatizada de percepção do cavalo é variável.

O mesmo se produz na organização geral do homem ordinário, todas as vezes que se modifica nele, sob o efeito de uma impressão qualquer, o que poderia chamar-se “a densidade e o ritmo do gambledzoin”; seu pensamento perde então toda a possibilidade de ação sobre a organização do sentimento.

Assim, pois, resumindo tudo o que foi dito, devemos, querendo ou não, reconhecer que todo homem deve esforçar-se por ter o seu próprio “Eu”; de outro modo, não será jamais, senão uma carruagem de aluguel no qual poderá sentar-se qualquer passageiro, que disporá dele à sua vontade.

Além disso, não será supérfluo indicar aqui que o “Instituto para o Desenvolvimento Harmônico do Homem”, organizado pelo Sr. Gurdjieff, tem como meta, entre outras tarefas fundamentais, de um lado, educar, em seus alunos, cada uma das personalidades independentes de que temos falado, primeiro separadamente, depois em suas relações recíprocas, conforme as necessidades de sua vida subjetiva futura; por outro lado, criar (produzir) e desenvolver neles o que deveria ter cada portador do nome de “homem-sem-aspas”: seu próprio “Eu”.

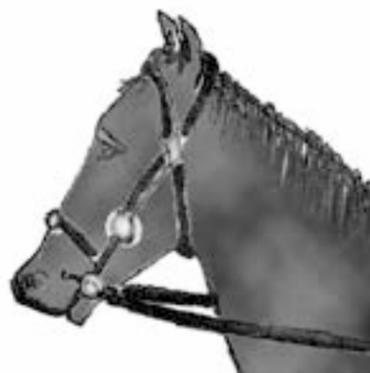


Grupo de estudos do livro “De Tudo e Todas as Coisas”.



No assento dessa carruagem de grande estilo, está um cocheiro sonolento, mal vestido, barbado, com uma sobrecasaca engordurada que ele tirou do lixo, onde havia sido jogada como um trapo, por Menegilda, a ajudante de cozinha. Na cabeça, reluz um novo e flamejante chapéu de copa, réplica exata do de Rockefeller, enquanto em sua lapela resplandece um enorme crisântemo. E o homem contemporâneo há de apresentar inevitavelmente o aspecto de bufão, pois, desde o primeiro dia de sua aparição, essas três partes formadas nele – que, apesar de serem de origem distinta e possuírem, cada uma delas, propriedades de qualidade diferente, deveriam, sem dúvida, servir a uma meta única, a partir da entrada do homem na existência responsável, e constituir, por seu conjunto mesmo, seu “todo integral” – começam a “viver”, uma separada da outra, e a fixar-se cada uma em manifestações específicas, sem nunca ter o treino de se prestarem assistência e manutenção recíproca (o suporte automático indispensável), nem de se compreenderem umas às outras, mesmo que de maneira aproximada; assim é que, mais tarde, quando forem necessárias manifestações harmônicas (de comum acordo), estas não acontecem. Atualmente, graças ao “sistema

de educação da nova geração”, já solidamente estabelecido na vida do homem – e cujo único princípio consiste em treinar os alunos a repetir sem cessar, ao ponto de “levá-los à loucura”, até embrutecê-los completamente, várias palavras e expressões quase sem sentido, e a fazê-los reconhecer, somente pela diferença de sonoridade, a realidade que estas palavras supostamente significam – o cocheiro, no entanto, é capaz de explicar mais ou menos, para aqueles que são do seu mesmo tipo, os desejos que ele experimenta e, às vezes, de compreender um pouco seus semelhantes. Esse nosso cocheiro, fazendo “me-xericos” com os outros cocheiros enquanto esperam clientes, e “flertando” nos portões com as empregadas da vizinhança, chegou a assimilar diversas formas de *savoir vivre*. Adaptou-se também às condições exteriores, da vida dos cocheiros em geral; por exemplo, automatizou-se a distinguir uma rua da outra e a encontrar, quando se depara com uma rua interdita por causa de obras, um outro caminho para chegar ao endereço solicitado. Mas o cavalo!... Embora essa funesta invenção contemporânea chamada “educação” não tenha chegado até ele – preservando assim da atrofia suas faculdades he-



reditárias – sua formação acontece (se efetua), entretanto, sob condições anormais do processo de existência ordinária; cresce assim esquecido por todos, como um órfão, maltratado, sem adquirir nada que corresponda nem ao psiquismo bem determinado de seu cocheiro, nem aprende nada do que ele sabe, de modo que permanece completamente ignorante de todas as formas de relações recíprocas, que se tornaram habituais ao cocheiro e, definitivamente, não se estabelece entre eles nenhum contato que lhes permita compreenderem-se. Apesar de viver encerrado em si mesmo, (pode mesmo acontecer que) o cavalo aprende a descobrir alguma forma de relacionamento com seu cocheiro, e talvez até, a familiarizar-se com alguma “linguagem”; mas por desgraça (infelicidade), o cocheiro nem sequer suspeita que isso seja possível. Deixando de lado o fato de que, nessas condições anormais, não se forma nenhum dado (vínculo)

pessoa débil, eu não tenho jeito”, fico fraco, e continuarei sendo mais fraco do que era. Porém, se eu repetir “eu posso, eu consigo, eu vou tentar, eu vou ficar forte, vou transformar-me”, eu me transformo. É claro que não pode ser dito da boca para fora; a palavra tem de vir acompanhada de gestos, de atos. Para agir, eu preciso ter um verbo que expresse minha ação: “quero fazer tal coisa”. Temos usado esse recurso em diferentes ocasiões; por exemplo, um médico, um dentista ou um professor teve um dia de falar, nem que tenha sido internamente: “eu quero ser professor” ou “eu quero ser médico”. Temos de repetir, falar para nós mesmos, formular em palavras o que queremos; se não, nada acontece. Se alguém me perguntar: “o que você pretende ser?” e eu responder: “não sei”, eu não vou ser nada. A intenção que vem do fundo deve-se transformar em verbo e é desse verbo que tem de sair a ação. É claro que eu não posso ficar só no verbo, mas o verbo propicia a possibilidade da ação. Então, quando o Princípio Criador, Deus, fala: “faça-se a luz”, ou “façam-se os animais”, ou “faça-se o homem à Minha imagem e semelhança”, ele está fazendo com que esse poder criador crie. E nós temos de fazer a mesma coisa. Então, esse trabalho que nós fazemos com o som é feito para que esse

som construa um mundo novo em cada um de nós.

Não vamos ser indelicadas a ponto de perguntar a sua idade e a do Paulo, mas é evidente que vocês possuem o elixir da juventude. Qual é a fonte de tanta energia e magnetismo? Enquanto homens da mesma geração já estão pendurando as chuteiras, como é que vocês conseguem dobrar a quantidade de trabalho e se tornarem símbolos de masculinidade?

Bom, o elixir da juventude implica, na realidade, aprender a se livrar, a reduzir, a deixar que o emocional relaxe, que os sentimentos venham à frente, e também a relaxar o corpo. Isso triplica as possibilidades de cada um e é uma das formas do elixir da juventude. Outro “elixir da juventude” é ficarmos ligados com nossa própria energia sexual, que tem de estar a nosso serviço; não podemos ser escravos da energia sexual. Na realidade, quando somos escravos da nossa energia sexual, nós nos consumimos física, mental e emocionalmente. Ela se imiscui em tudo! Se nós aprendermos amanhã a fazer com que essa energia esteja livre dentro de nós, se trabalharmos sobre nós mesmos no sentido de liberá-la e liberar nossos centros através dela, ela pode nos dar 10, 15, 20 anos de força e de magne-

tismo. Essa força vem da nossa liberdade dos centros. Assim, por exemplo, se gastamos força o dia inteiro através de mil emocionalidades, que magnetismo podemos ter? Magnetismo é força emocional que não se gasta à toa. Temos de aprender a ter uma boa economia energética. Quando somos muito jovens, despendemos essa energia gritando, berando, temos emoções das mais variadas, mas, depois de um certo momento, temos de aprender a recolher. Muito como aparecia na história que contamos – a do sultão e a mulher do pescador –, o peixe que ele consegue não comer e que é jogado na água, que volta para a água, simboliza, na realidade, as nossas energias que consumimos banalmente. Em termos de benefícios para o nosso organismo, para o nosso pensar, para o nosso sentir-sensação, para o nosso sentir-sentimento, essas energias que não gastamos no nosso dia-a-dia bobamente, tolamente, vão para nossa corrente sanguínea, para nossa linfa e não ficam saindo pelos nossos poros. Então, o que é esse magnetismo? É energia que não é gasta à toa, que fica recolhida. É claro que não podemos segurar a energia, mas podemos mantê-la recolhida dentro de nós mesmos e ela passará a fazer parte de um ciclo de poder dentro da gente. É como se fôssemos um ovo

energético e esse ovo não deixasse sair todas as energias para todos os lados. Com isso ganhamos anos, porque não sofremos os desgastes que um homem comum sofre. Isso também depende da genética de cada um, evidentemente, e, além disso, se começamos a fazer esse trabalho quando muito jovens, ajuda muito. De fato isso é um elixir da juventude! Vide, por exemplo, Madame de Salzman que viveu 101anos e até o final da vida estava bastante energética. Ela é uma bela promessa! Suponha que você é a bateria de um automóvel; se você esqueceu as luzes ligadas, em pouco tempo ela se estraga, e isso por causa de uma luzinha de nada. Imagine se você mantivesse o dia inteiro os seus faróis acesos! Então, se você teria energia para 80 anos, com 41 já pendurou as chuteiras!

Como é possível a convivência harmoniosa entre o masculino e o feminino, em se tratando de mundos tão radicalmente diferentes?

O importante é isso que você falou, que são dois mundos totalmente diferentes, radicalmente diferentes, e é isso que normalmente não se percebe. Um homem se junta com uma mulher e pensa que ela é uma extensão dele ou ela pensa que ele é uma extensão dela. Isso acontece sempre dos dois lados. O que precisa acontecer é que

o homem deve-se interessar pelo feminino, mas, antes disso, ele precisa conhecer bem sua própria masculinidade. Tem de saber o que lhe compete, o que ele é, como ele é, para não se confundir com o feminino, e vice-versa. Estou falando isso tanto para os homens como para as mulheres. O homem tem de conhecer o que a mulher quer, de que ela precisa, o que espera de um homem, e também o que um homem espera de uma mulher. Ele tem de estudar como é a parte amorosa da mulher, como é a sexualidade feminina, que é totalmente diferente da masculina. A sexualidade feminina é A e a masculina é Z. O homem tem o sexo de um tipo e a mulher tem de outro. Ele precisa estudar os dois lados, tem de passar a vida inteira tentando entender o feminino. Por quê? Porque ele tem o feminino dentro dele, não esse feminino de que se fala por aí. Não estou criticando isso. Estou apenas falando que não é um “bichismo”. Todo o nosso mundo energético é feminino. Se eu tirar a consciência – que é o masculino –, o resto é feminino, ou seja, o mental, a emoção e o bio-sexual são nosso feminino. Então, eu devo conhecer o feminino para entender minha estrutura também. Além disso, preciso olhar o feminino porque, se consigo entender o feminino na forma de mulher, eu começo a descobrir o que é necessário den-



tro de mim também, para acordar essa mulher. Esta é uma maneira de acordar minhas forças latentes. Então, o homem precisa estudar a mulher e ela também tem de estudar o homem. E eu insisto nisso. O homem não pode pensar que a mulher é uma extensão dele, que é um homem de saia, e nem a mulher deve pensar que o homem é uma mulher que usa calças compridas. Basicamente é isso: precisamos tentar entender a estrutura da máquina feminina e da máquina masculina e isso ocorre num acoplamento entre homem e mulher. Usualmente eles se acoplam sem saber nada de nada: “Eu te amo, meu bem, me ama também”, e não nos esforçamos para compreender mais nada. Isso não funciona! Assim, o trabalho interior deve dar-nos elementos não só para nosso autoconhecimento, mas para sermos observadores do outro ser humano. No caso da sua pergunta em relação ao feminino, temos de saber quais são as leis que regem o feminino. É claro que nós temos muitas semelhanças em nossas máquinas, mas há especificidades que pertencem à outra metade da laranja; são duas metades. Se quero ligar-me ao feminino, preciso ligar-me à outra metade. O resto é utopia.

Qual a diferença fundamental entre o masculino e o feminino que você percebe no atendimento

de certos detalhes interiores na sua construção.

Por exemplo, o princípio da lubrificação – que é uma das principais necessidades de um veículo feito de múltiplos materiais – foi concebido de tal maneira, que a graxa (óleo) pudesse se espalhar por todas as partes metálicas, bastando para isso a ação das sacudidelas, devidas aos trancos inevitáveis em tais caminhos. Pois bem, essa carruagem, destinada a pequenos caminhos vicinais, fica estacionada, na maior parte do tempo, na cidade e, quando roda, é por avenidas asfaltadas, planas como mesas de bilhar.

Por falta de sacudidelas (na ausência de qualquer atrito), a lubrificação de todas as peças já não se faz uniformemente, de modo que algumas delas acabam por enferrujar e deixam de cumprir a função que lhes foi destinada.

Regra geral, uma carruagem roda bem enquanto suas partes móveis estão bem lubrificadas. Quando não estão suficientemente, esquentam tanto que ficam vermelhas e estragam as peças vizinhas. Por outro lado, o excesso de graxa em alguma parte compromete a boa marcha da carruagem. Num caso ou outro, fica cada vez mais difícil, para o cavalo, puxar a carruagem. O cocheiro contemporâneo, nosso João Ninguém, ignora

tudo isso. Não tem a menor idéia da necessidade de uma lubrificação uniforme da sua carruagem e, mesmo que a engraxe, o faz sem verdadeiro conhecimento, por ouvir dizer, seguindo cegamente as sugestões do primeiro que passa.

Assim que, quando essa carruagem, agora mais ou menos adaptada a caminhos planos, deve, por alguma razão, arriscar-se por um atalho, sempre lhe acontece algo: às vezes é uma porca que espana, outras é um parafuso que entorta ou uma peça que se afrouxa (desequilibra): e depois de tais tentativas, a viagem raramente termina sem consertos, mais ou menos consideráveis.

Em todo caso, tornou-se hoje cada vez mais perigoso usar essa carruagem para os fins a que estava destinada.

Se alguém quer consertá-la, tem de desmontar tudo primeiro, examinar as peças uma por uma e, como sempre nesses casos, banhá-las em petróleo para limpá-las bem, antes de remontar tudo novamente. Além disso, quase sempre, tem de ser trocada urgentemente uma peça importante; tudo isso não é grave se for somente uma peça barata, mas às vezes acontece que o conserto fica mais caro do que ficaria comprar uma carruagem nova.

Pois bem, está claro que tudo

quanto se disse a propósito das distintas partes cujo conjunto constitui uma carruagem de aluguel se aplica exatamente à organização geral da presença do homem.

Pela ausência, entre nossos contemporâneos, de todo conhecimento e de toda capacidade para preparar convenientemente os adolescentes com vistas a uma existência responsável, educando as diferentes partes que compõem sua presença geral, cada homem se parece hoje com algo verdadeiramente absurdo e cômico em extremo, que apresenta, voltando a nosso exemplo, um quadro assim:

Uma carruagem último modelo, recém-saída da fábrica, envernizada por autênticos carroceiros alemães, da cidade de Barmen e, entre os varais, essa espécie de cavalos que chamam no país da Transcaucásia um “dglozi-dzi”. (“Dzi” quer dizer: cavalo; “Dgloz” era o nome de certo armênio, perito na arte de comprar e esfolar cavalos sem valor nenhum.)



nhar certas fraquezas das pessoas com quem negocia. Para tirar proveito delas, aprendeu a ser puxa-saco, a bajular, enfim, a mentir.

Tão logo aparece uma oportunidade e ele tem um momento livre, entra num bar, onde fica horas sonhando acordado diante de um copo de cerveja (vinho), conversando com alguém da sua espécie, ou talvez lendo um jornal. Procura ter um aspecto imponente, usa uma bela barba e, se é fraco e magro, recheia (estofa) sua roupa para parecer mais importante.

Quanto ao centro do sentir (sentimento), o conjunto de suas manifestações e o sistema inteiro de seu funcionamento correspondem ao cavalo da carruagem em nossa analogia.

Essa comparação do cavalo com a organização do sentir (sentimento) humano nos permitirá esclarecer o caráter equivocado e unilateral da educação imposta hoje à geração jovem.

O cavalo, como consequência da negligência de que deram prova todos os que o rodearam desde sua mais tenra idade, e pelo fato de seu constante isolamento, encerrou-se de certo modo em si mesmo: em outras palavras, sua “vida interior” ficou reprimida, e já não dispõe, para suas manifestações exteriores, mais do que da força da inércia.

Devido a essas anormais condições circundantes, ele jamais recebeu educação especial; cresceu e se formou unicamente sob a influência de surras constantes e de perpétuas vociferações.

Foi contido sempre com freios; e quanto à sua alimentação, em lugar de feno e de aveia, só recebeu palha, o que não corresponde absolutamente às suas necessidades reais.

Não tendo percebido jamais, em nenhuma manifestação dos que o rodeiam, o menor sinal de afeto ou amizade, o cavalo está pronto agora a render-se com todo o seu ser a quem lhe faça a menor carícia.

Tanto é assim, que as tendências do cavalo, privado de toda aspiração e de todo interesse, devem concentrar-se inevitavelmente em comer, beber e em uma atração automática pelo sexo oposto; por isso ronda sempre por onde pode satisfazê-las e se por acaso divisa algum lugar onde uma de suas necessidades foi satisfeita uma única vez, aguarda o momento propício para escapar para lá.

Tenho de acrescentar também que o cocheiro, mesmo tendo uma compreensão muito débil de seus deveres, é, apesar de tudo, capaz de pensar pelo menos um pouco logicamente, e, levando em conta o amanhã, por medo de perder seu emprego, ou com

a esperança de receber uma recompensa, procura fazer algo por seu amo sem se ver literalmente forçado a isso. Mas o cavalo, que não teve nenhuma educação especial adaptada à sua natureza, não recebeu no devido tempo nenhum dado que lhe permitisse manifestar as aspirações exigidas por uma existência responsável; por isso não pode compreender - não pode sequer esperar-se dele que compreenda - por que ele deveria fazer algo. De modo que considera suas obrigações com uma total indiferença e só trabalha por medo de uma surra suplementar.

Quanto à carruagem, que em nossa analogia corresponde ao corpo considerado em separado das outras partes independentes da presença geral do homem, sua situação é ainda pior.

Esta carruagem, como quase todas as carruagens, é feita de diversos materiais. Sua construção é das mais complicadas. Foi destinada - o que parecerá evidente a todo homem de pensar sadio - ao transporte de todo tipo de carga e não ao uso que dela se faz hoje, quer dizer, só ao transporte de passageiros.

A causa principal dos inumeráveis mal-entendidos de que é vítima, deve-se ao fato de ter sido projetada para trafegar por caminhos vicinais, sendo que os mestres carroceiros dispuseram, para isso,

individual que faz de homens e mulheres?

O Sr. Gurdjieff fala que a mulher já está pronta. Isso é verdade e não é, ao mesmo tempo. Está pronta entre aspas. É como se a mulher tivesse uma sensibilidade maior que a do homem; ela tem uma intuição, pode sentir mais as coisas, os seus próprios sentimentos. No meu trabalho individual, percebo que elas têm essa facilidade. Só que as mulheres ficam na dependência de uma coisa do masculino, elas têm uma grande dependência do masculino. Hoje, o masculino também tem uma dependência total do feminino, mas isso não deveria ser assim, o masculino deveria ser independente do feminino. Ele precisa do feminino também, como numa associação recíproca, mas ele poderia ser mais independente, e a mulher espera que o homem seja mais independente. Agora, os dois são sensíveis, cada um do seu jeito: a mulher é mais emocional, o homem é mais mental. Isso não significa que a mulher não tenha um mental desenvolvido, muito pelo contrário, pode ter um mental melhor do que o do homem. Mas o *approach* do homem é mais mental e o da mulher é mais sentimental, mais emocional. Então, por exemplo, na relação sexual, o homem vai para a mulher a partir de algo mental mesmo, e a

mulher vai para o homem através da sua emoção. Isso gera muitos desencontros. O homem “quer” com a cabeça e ela “não quer” com a emoção. Aí complica, pois há uma diferença entre eles. Entendido isso, caímos novamente naquilo de que falávamos há pouco, isto é, precisamos entender tanto a máquina do feminino como a do masculino.

Você, mesmo quando está sério, passa uma impressão de leveza e bom humor. Como é possível lidar com a vida e o mundo dessa maneira? Há alguma coisa que consiga deixá-lo furioso?

Essa maneira de encarar a vida, eu diria que é a maneira mais gostosa possível. Quando você lê, por exemplo, o livro do Castañeda, percebe que Don Juan passa o tempo todo rindo, alegre, você nunca o vê bravo, parece que ele está sempre em estado de alegria. Ele é um grande mestre. Essa forma de ser não é a mesma de um ator, não, evidentemente não. O nosso estado interior, na verdade, é de bom humor, de alegria, de felicidade. Então, tudo o que ocorre na vida são contingências: as dificuldades, os acontecimentos são coisas momentâneas e, se eu fico nervoso, bravo, estou gastando minha energia básica e o elixir da juventude vai embora. Mas esse bom humor deve vir da nossa profundidade,

não pode ser forçado. E todos os acontecimentos, até a morte súbita de alguém, têm de ser tomados de uma forma macia. É claro que sentimos um ataque das forças de dentro da gente, mas, se encararmos o mundo como sendo um hotel, uma fazenda, que está-nos ensinando coisas através de acontecimentos, não precisamos abalar-nos, pois são acontecimentos, tudo é momentâneo. Agora, com relação ao que você perguntou sobre o que me deixa louco da vida, eu diria que é difícil, muito difícil alguma coisa me deixar louco da vida, eu não saberia citar uma coisa específica. Mesmo a notícia mais difícil, eu a recebo e metabolizo. Quando recebo uma agressão, eu a metabolizo através da lembrança interna e jogo isso para um mundo onde vai ser dissolvida de uma forma diferente. Mesmo nas situações mais difíceis, o bom humor tem de estar à frente. O bom humor, a felicidade, a calma, a tranquilidade, o vazio do mental, são solucionadores de questões. Então, para que ficar triste se você pode ter uma boa companhia? Eu poderia dizer: isso é estar em companhia de Deus.

Para você, a vida não é um vale de lágrimas!

Eu hoje sou um iconoclasta, dou risada de tudo, das situações mais difíceis. E realmente o mundo

não tem sido um vale de lágrimas, mesmo nas situações mais difíceis, porque não precisamos encarar assim. É uma forma de ver as coisas. O exemplo que se dá é o seguinte: se eu mandar você carregar um vaso que pesa 30 quilos e disser para você carregá-lo durante meia hora, você vai dizer que estou-lhe dando um castigo tremendo, e essa será sua visão naquele momento. Mas se, naquele momento, você tiver outra visão e pensar, por exemplo: “eu preciso disso para ficar forte fisicamente, para melhorar a minha saúde, se não eu vou morrer” ou: “eu quero ficar mais bonita”, você cumpre a tarefa com o maior gosto. Não é isso que se faz nas academias de musculação? O cara fica lá duas horas levantando peso, fazendo musculação para ficar mais bonito e ele acha aquilo gostoso; para ele não é cansativo, é uma delícia. Toda a dificuldade do mundo existe porque a nossa visão é a de que aquilo é difícil.

Isso vai contra toda a história do mundo, porque nossa educação é toda baseada no sofrimento.

Nós não precisamos disso, a nossa natureza intrínseca é alegria, silêncio, calma, e é poder e força. Nós ficamos nervosos com as provocações da vida porque nos baseamos apenas na nossa força e então achamos que não vamos conseguir.

Mas se nos basearmos em uma força mais poderosa do que a do nosso “eu”, enfrentamos o mundo! É como na história do Sansão: enquanto ele tinha a força divina por trás, ele derrotava o inimigo. Quando perdeu isso por causa da identificação com seu mundo energético – Dalila significa isso –, e esqueceu o divino, ele perdeu sua força. Depois de muito tempo, quando se lembrou da luz divina, voltou a ter a força, porque passou a ter novamente a companhia de Deus e, na companhia de Deus, você vai ficar bravo por quê?

É interessante essa sua colocação, porque ele continua apaixonado pela Dalila, mas passa a ter uma atitude completamente diferente em relação a ela.

E ela se coloca submissa a ele, não no sentido de ser sua serva, mas ela se coloca no seu lugar certo e ele, a força masculina, passa a adorá-la como força feminina, mas o amor dele agora é dirigido pelo divino. E a mulher só respeita o homem se ela sabe que ele tem um amor maior do que ela. Mas a mulher, o tempo todo, está provocando o homem para ele não amar a Deus. Na história do Sansão, Dalila está, nas entrelinhas, dizendo a ele o tempo todo: “larga, larga, você não pode amar a Deus, tem de amar a mim”. Aí ele faz isso, só que per-

de a força, e ela também. Isso está em todos os mitos. No caso do Ulisses e da feiticeira Circe, ela transforma todos os amigos dele em quadrúpedes em geral. Mas, como ele tinha um antídoto que lhe fora dado por Hermes, ele não se transformou, mas quase se perdeu com ela, porque ficou seis meses lá, esquecido. Depois, um amigo dele vai lá chamá-lo e, para ele, parecia que tinha-se passado só um dia. Um dia é uma vida!

Você tem declarado que a morte não existe; o que significa isso?

É evidente que a morte do corpo físico existe, tudo aquilo que é físico existe e desaparece. Nesse sentido, não podemos dizer que a morte não existe. Quando eu digo isso, quero dizer o seguinte: o Universo é atravessado por uma vida que o anima e que independe das formas. A forma não é nada! Hoje temos uma jabuticabeira, amanhã teremos uma macieira ou qualquer outra árvore. Então, a vida está passando por todas as formas. A vida dá as formas, concede as formas; é uma energia criadora e, se pudéssemos compará-la a um vento, diríamos que é um sopro. Como está colocado no Gênesis, Deus soprou um boneco de barro, soprou a vida. A vida é um sopro que não tem forma, que não tem cor, que não se reduz a

métodos anormais de educação infligidos por toda parte à geração jovem, a quarta personalidade, que deveria estar presente em todo homem que atingiu a idade responsável, falta-lhes por completo; e quase todos são constituídos unicamente pelas três primeiras partes enumeradas, que além disso se formaram por si só, e de qualquer jeito. Em outras palavras, os homens contemporâneos de idade responsável não representam nada mais que uma carruagem de aluguel, e...em que estado!! Uma carruagem deteriorada, cujos dias felizes já se foram... um velho pangaré... e na boléia, um cocheiro andrajoso, meio adormecido, meio bêbado, que passa o tempo, destinado (designado) pela Mãe Natureza ao aperfeiçoamento de si, esperando, nas esquinas das ruas - perdido em sonhos fantásticos -, por algum passageiro ocasional. O primeiro transeunte que passa chama-o, aluga-o por hora, dispõe dele a seu bel-prazer (à sua vontade), e não somente dele, mas de todas as partes da carruagem que lhe estão subordinadas.

Se prosseguimos com essa comparação entre um típico homem contemporâneo, com seus pensamentos, seus sentimentos, seu corpo, e uma carruagem com cavalo e cocheiro, ficará claro que,

em cada uma das partes que compõem esses dois conjuntos, formam-se hábitos, necessidades e gostos bem definidos, que não pertencem senão àquela determinada parte.

Com efeito, de acordo com a diversidade de sua origem, condições de sua formação e às suas possibilidades particulares, formam-se em cada uma delas seu próprio psiquismo, suas próprias noções, suas próprias regras subjetivas, seus próprios pontos de vista e assim por diante...

O conjunto das manifestações do processo mental humano, com todas as inerências próprias ao seu funcionamento e todas as suas particularidades específicas, corresponde em quase todos os seus aspectos à essência e às manifestações de um típico cocheiro de praça.

Como todos os cocheiros de praça em geral, ele é do tipo João Ninguém. Não é completamente analfabeto, já que a legislação de seu país decretou a “instrução pública obrigatória” e em sua infância teve de gastar, de tempos em tempos, o fundo de suas calças nos bancos da escola da paróquia.

Apesar de ter vindo do campo e permanecido tão ignorante como seus companheiros que ficaram na aldeia, sem dúvida levado por sua profissão a conviver com gente de nível e educação diferen-

tes, recolheu daqui e dali todo um repertório de expressões variadas; e agora olha com superioridade e desprezo total o que vem da aldeia, a tudo rejeitando com indignação, como sendo insignificante.

Resumindo, é um tipo ao qual se aplica perfeitamente este adágio: “Gralha, gralha, não perca seu tempo, jamais será um pavão real!”

Acha-se a si mesmo competente, até em matéria de religião, de política e de sociologia. Com seus iguais, adora discutir; aos que considera inferiores a ele, ensina; com seus superiores, mostra-se adulator, servil; “fica de quatro” diante deles.

Uma de suas maiores fraquezas é a de correr atrás das criadas e das cozinheiras do bairro, mas do que gosta acima de tudo é (depois de uma grande farra), saborear um ou dois copos, e assim, plenamente saciado, meio entorpecido, sonha...

Para satisfazer suas fraquezas, rouba regularmente uma parte do dinheiro que seu amo lhe confiou para a forragem do cavalo.

Como todo cocheirozinho, nosso João Ninguém só trabalha debaixo de chicotadas e, se ocasionalmente faz um trabalho sem ser forçado, é simplesmente à espera de uma gorjeta.

Essa atração por gorjetas ensinou-o pouco a pouco a adivi-

A pessoa de espírito elevado ordena sua mente da mesma forma que o universo ordena as estrelas no céu.

Ao conectar a mente com sua origem sutil, ela a tranquiliza.

Uma vez tranquilizada, a mente expande-se naturalmente, e finalmente se torna vasta e imensurável como o céu noturno.

DA TRADIÇÃO JUDAICA

Um texto de **Moisés Maimônides** (1136-1204), grande filósofo da tradição judaica, nascido na Espanha e refugiado no Egito. Autor da importantíssima obra “Guia para os perplexos”.

Finalidade da vida. Devemos ocupar-nos dos nossos interesses e exercer uma profissão honesta, não para juntar riquezas, mas para buscar as coisas necessárias à vida.

Devem-se buscar as coisas necessárias à vida e mesmo o bem-estar, se pudermos, não com vistas aos prazeres que ela pede, mas para afastar de si as preocupações e a dor, para conservar um espírito livre num corpo são.

Enfim, devemos empregar esta dupla vantagem: a liberdade de espírito e a saúde do corpo para desenvolver a inteligência e conduzi-la, pelo caminho da ciência, ao conhecimento de Deus.

Maimônides (século XII)

PARÁBOLA DA CARRUAGEM

“Relatos de Belzebu a seu Neto – De Tudo e Todas as Coisas” (G.I. Gurdjieff, págs. 305 a 313).

Para ressaltar a diversidade de origem e natureza das personalidades que podem manifestar-se na organização geral do homem e marcar bem a diferença entre o “Eu” que deve existir na presença geral de um homem-sem-aspas, quer dizer, um verdadeiro homem, e o “pseudo-eu” que as pessoas confundem hoje em dia com ele, poderíamos recorrer a uma excelente analogia. Esta tem sido usada, como se diz, “com os mais variados molhos”, por força de ser empregada por aqueles que se dizem espiritualistas, ocultistas, “teósofos” e outros especialistas contemporâneos da “pesca em águas turvas” em sua cacofonia (tagarelices) sobre o “corpo astral”, o “corpo mental” e outros corpos que eles supõem existir no homem; sem dúvida, conserva seu valor para esclarecer a questão que examinamos neste momento.

O homem considerado como um todo, com suas diferentes localizações funcionando separadamente, ou melhor, com todas as suas “personalidades” formadas e educadas independentemente umas das outras, oferece uma semelhança quase perfeita com

uma carruagem destinada ao transporte de um passageiro, composta de uma carroça, um cavalo e um cocheiro.

É preciso notar, antes de mais nada, que a diferença entre um verdadeiro homem e um pseudo-homem, quer dizer, entre o homem que tem seu próprio “Eu” e o que não o tem, se faz evidente, nesta comparação, pelo passageiro sentado na carruagem. No primeiro caso, o do homem verdadeiro, o passageiro é o amo (mestre, “ele mesmo”), enquanto que no segundo, o passageiro não é senão o primeiro transeunte que passa e que, como o cliente de um táxi, muda a cada momento.

O corpo físico do homem, com todas as suas manifestações reflexo-motoras, corresponde simplesmente à carruagem mesmo; o conjunto do funcionamento e das manifestações do sentir (sentimento) corresponde ao cavalo atrelado à carruagem, e que a puxa; quanto ao cocheiro sentado na boléia, que é quem conduz o cavalo, representa o que se chama comumente o consciente ou o processo mental; finalmente, o passageiro sentado na carruagem, e que dá as ordens ao cocheiro, é o que se chama “Eu”.

Todo o mal fundamental dos homens contemporâneos se deve essencialmente ao fato de que, como conseqüência dos

nada e, ao mesmo tempo, é tudo. Ela é como uma mão que entra em uma luva e que dá forma à luva; ela é um vento que dá as formas, que cria a miríade de formas. Para essa vida, para esse sopro, não existe a morte. Se amanhã, digamos, o Divino recolher a sua respiração, fizer uma inspiração e voltar tudo ao zero ou, como se diz no Gênesis, ao caos, veremos que o caos é a matéria-prima informal, não existe uma matéria-prima formal. Mas existe esse sopro, independente da matéria, e esse sopro vai pegar essa matéria-prima e criar milhões de sóis e planetas, astros e etc. Então, por que isso é bom para nós? O que significa isso, para não ficar uma coisa filosófica? Significa que eu não posso me identificar com aquilo que é perecível, que é o corpo físico; tenho de viver em contato com esse sopro que está em mim, em você, preciso identificar-me com esse sopro e ele não morre. Por que eu vou me identificar com uma aparência que vejo no espelho? Com a pele, o cabelo, as mãos? Por que não me identificar, por exemplo, com a sensação, que é um jeito pelo qual esse sopro se manifesta? O sentimento é um jeito de esse sopro se manifestar; o mental, o pensar é um outro jeito; mas eu posso ir mais além. Posso entrar em contato com o sopro em si, não com

as formas dele, porque o mental, o corpo, etc., tudo isso é perecível. Por que não me devotar a esse sopro? Então, lembrança de si, sem defini-la, uma das formas de vê-la, na verdade, é entrar em contato com esse sopro divino que é imortal. Ele está em mim, em você, num rato, num gato, num leão, numa folha, numa árvore, etc. É o mesmo sopro de vida. Só que em nós ele tem uma especialização, ele talvez nos conceda uma outra inteligência. Precisamos entrar em contato com ele e vencer essa nossa limitação de pensar que a morte é o fim de tudo. É claro que, se possível, temos de evitar uma morte doída para o corpo físico. Mas se tiver de acontecer, é porque tinha de acontecer. Devemos entrar em contato com o sopro; o sopro é imortal. Voltando às questões anteriores, esse sopro é sempre jovem, ele é a promessa da eterna juventude. É evidente que o corpo pode chegar a ter 95 anos e aí podemos andar com dificuldade, pois é claro que o sopro não vai nos conceder andar com facilidade nessa idade, porque o veículo físico está gasto. Mas, em compensação, temos um frescor desse sopro que é eterno, ele é sempre jovem e virgem. Na história da Paribanu, nas Mil e Uma noites, a virgindade é sempre renovada, pois esse sopro não se contamina. Ele toma a forma de um

leão, de um rato, de uma formiga e é sempre jovem, sempre novo, sempre gostoso. Mas ele pode permitir também que um corpo se corrompa, mas ele é algo mais lépido que esse corpo. Mas chega uma hora que não vai ter jeito, mas se você puder esticar... melhor!

Se hoje fosse seu último dia sobre a terra, o que você faria?

Eu não faria nada diferente do que tenho feito. Essa proposta é interessante, tanto que nós propusemos isso no seminário que fizemos, porque é uma forma de choque para as pessoas. Eu tenho de agir cada dia como se fosse meu último; sendo assim, se você já vem agindo assim, não precisa modificar nada. Pedi para as pessoas trazerem por escrito sobre esse último dia, e basicamente elas trouxeram o seguinte: eu gostaria de sentir mais o ar, eu olharia mais as plantas, olharia para o meu filho, beijaria aquela pessoa que eu nunca beijei. Já outros disseram: eu estrangularia aquela pessoa que eu nunca estrangulei. Mas, na realidade, tudo aquilo que vem das pessoas é basicamente a busca de uma nova intensidade de vida. O que as pessoas estão buscando no seu último dia sobre a terra é uma nova intensidade de viver. Então o cara estava casado há 20 anos, e ele e a mulher olham um para o outro como móveis e utensílios da

casa. Talvez, nesse último dia, ele quisesse ter um olhar novo, ou para a mulher dele mesmo ou para uma outra mulher, e vice-versa. Na realidade, todos procuraram uma nova intensidade perdida no decorrer da vida. Se entrarmos em contato com esse sopro de vida de que acabamos de falar, teremos uma nova intensidade de vida, um frenesi, que nada mais nos dá; uma energia muito potente, que nada pode dar-nos. Então, se você vive isso sempre, você não precisa fazer nada de diferente, você apenas vai dizer: é meu *last day on Earth* e você vai esperar e dizer aquela frase que os índios americanos diziam: “Hoje é um belo dia para morrer!”. Por isso que eu não faria nada de diferente, hoje estou no melhor dia da minha vida, neste momento. Por exemplo, as pessoas dizem: puxa, como era boa a minha época.... O que é a minha época? Será que era boa a juventude quando você era insegura, triste, quando você via um homem e tremia de medo, tinha espinha no rosto, não tinha seu próprio dinheiro, precisava dar satisfação para o seu pai e para a sua mãe, tudo isso, não é legal, né? Então, o bom dia para nós é hoje, é agora, e se esse for o último dia... “Inchalah!”, se Deus quiser, que seja! Eu não faria nada de especial. Continuaría vivendo como estou vivendo agora, nessa busca, nessa abertura para o Divino.

O MUNDO MÁGICO DAS MIL E UMA NOITES

por Lauro Rafal

Qual é a importância de entrar em contato com histórias tradicionais como as que estão reunidas nas Mil e Uma Noites?

As histórias das *Mil e Uma Noites* contêm ensinamentos em diferentes níveis: um ensinamento político, a arte de viver, ensinamento para tudo o que você quiser na sua vida. E, fundamentalmente, para quem sabe lê-las, contêm um ensinamento para o mundo interno, mas, para isso, é necessário que se decifre o que está implícito nelas. Essa é a coisa fundamental, e é por isso que nós damos muita importância a transmitir para o público as histórias que estão esquecidas. Elas estão lá e quem quiser pode encontrá-las, mas estão escondidas há anos no meio desse calhamaço que são as *Mil e Uma Noites*. E desse calhamaço nós temos que tirar tudo o que é possível tirar, enquanto tivermos essa condição.

Qual o seu intuito e o do Paulo ao abrir para o público o conteúdo simbólico das histórias?

O fundamental é começar a revelar as coisas até um certo ponto. Revelar as verdades que estão ali dentro, escritas de uma maneira cifrada, simbólica. Já estamos no começo de um novo

século, em que é necessário que as coisas fiquem mais claras; não podem ficar escondidas a vida inteira, os símbolos têm de vir à tona, precisam ser decifrados para que as pessoas possam trabalhar sobre si mesmas. Sem isso, as histórias ficarão com um sentido bonito, gostoso de ler, mas não terão o sentido para o qual foram escritas realmente. A partir da segunda metade do século XIX, de 1850 em diante, começou, em um certo sentido, a se abrir para o mundo o conteúdo dos símbolos; foi o momento dessa abertura, e agora, nós temos de continuá-la, porque fazemos parte de uma cadeia de estudos interiores que deve continuar a se desenvolver e a mostrar as verdades, dentro de um certo limite, é claro. Temos de deixar muito material para que as pessoas busquem por si mesmas, porque o importante nisso tudo é cavar dentro, é tentar realmente compreender o que está por trás das palavras escritas. Esse conteúdo foi deixado por escrito, muito como se fosse o Velho ou o Novo Testamento. Tudo foi escrito para aqueles que entendem e, se nós não tentarmos

O búfalo, que é o mental, anda ao contrário, eu o enlaço com a corda da memória e o guio com o gancho. O iogue tibetano do século XV, Brug-pa Kun-legs, utiliza-o também em sua biografia:

Sobre essas palavras, eles me disseram: “E em tal lugar, Senhor da religião, de que tipo seria seu objeto de meditação? De medo que ele caia no abismo de um novo nascimento, firmo o elefante, que é meu mental, pelo gancho da concentração”.

Por que os tibetanos escolheram o elefante? Segundo Kajiyama, teria sido por causa de uma confusão lingüística, porque, em tibetano, búfalo é *glang* e elefante, *glang-chen* ou “grande búfalo”. Essa interpretação pressupõe que a representação do búfalo seja anterior à do elefante, o que é verdadeiro de acordo com os exemplares que possuímos atualmente. É possível, mas, no meu entender, é preciso levar em conta o plano mitológico do budismo tibetano, que foi influenciado pela civilização indiana, na qual o elefante ocupa uma posição essencial. Seja como for, as representações chinesa e tibetana ilustram duas concepções diferentes. O adestramento do elefante ilustra os nove níveis de concentração que levam

ao *samatha*, níveis definidos com precisão, enquanto o adestramento do búfalo ilustra o caminho do despertar, esforçando-se por representar o caráter súbito e imediato do despertar.

HUA HU CHING

(Registro dos ensinamentos orais de Lao-Tsé sobre atingir a iluminação)



CAPÍTULO 3

Aqueles que desejam incorporar o *Tao* devem aceitar todas as coisas. Aceitar todas as coisas significa, em primeiro lugar, não nutrir raiva ou resistência em relação a nenhuma idéia ou coisa, viva ou morta, com ou sem forma. A aceitação é a própria essência do *Tao*. Aceitar todas as coisas significa

livrar-se de qualquer idéia de separação, como de macho e fêmea, eu e o outro, vida e morte. A divisão é contrária à natureza do *Tao*. Antecedendo o antagonismo e a separação, entra-se na unidade harmoniosa de todas as coisas.

CAPÍTULO 4

Todo desvio do *Tao* contamina o espírito. A raiva é um desvio, a resistência, um desvio, o fechamento em si mesmo, um desvio. Depois de muitas vidas, o ônus das contaminações pode ficar grande. A única maneira de se limpar delas é praticar a virtude. O que significa isso? Praticar a virtude é oferecer generosamente ajuda aos outros, dedicando-lhes todo o seu tempo, aptidões e posses, quando e onde necessários, sem preconceito em relação aos que necessitam dela. Se a sua boa vontade em conceder benefícios for limitada, sua capacidade em recebê-los também o será. Esse é o sutil funcionamento do *Tao*.

CAPÍTULO 5

Você acha que o universo é tumultuado? Vá ao deserto à noite e contemple as estrelas. Essa prática responderá à pergunta.

quarto nível de desenvolvimento.

13. Abandonar-se e concentrar-se novamente.

14. (A lebre) representa as distrações sutis. Nesse nível, distinguem-se perfeitamente as distrações grosseiras das sutis.

15. O elefante olha para trás. Tendo-se conscientizado da distração do mental, cabe conduzi-lo novamente para a concentração.

16. Fixá-lo com firmeza.

17. A *força da consciência*. Graças a ela, realizam-se o quinto e o sexto níveis de desenvolvimento.

18. As distrações anteriores diminuem.

19. Durante o *samatha*, por mais que o mental esteja propenso à virtude, as distrações não desapareceram totalmente e ainda é preciso discipliná-lo; entretanto, obtém-se o fruto das duas verdades.

20. A força da consciência impede o espírito de se extraviar, reconduzindo-o (à concentração) e dirigindo-o ao *samadhi*.

21. O mental é subjugado.

22. O mental é tranqüilizado.

23. A *força da energia*. Graças a ela, realizam-se o sétimo e o oitavo níveis de desenvolvimento.

24. O mental é totalmente apaziguado. Nesse ponto, as distrações, mesmo as sutis,

dificilmente se apresentam e, mesmo que apareçam, são facilmente eliminadas com pouco esforço.

25. A cor negra do elefante e do macaco desapareceu. Se nos apoiamos na memória e na consciência, não podemos mais ser perturbados pelas distrações grosseiras e sutis, e entra-se imediatamente num *samadhi* ininterrupto.

26. O mental concentra-se num único objeto.

27. A *força de investigação*.

Graças a essa força, realiza-se o nono nível de desenvolvimento.

28. Equanimidade perfeita. As representações do adestramento do elefante ilustram os nove níveis do caminho do apaziguamento, bem conhecidos nos textos budistas das escolas *Madhiamaka* e *Yogacara*. A gravura de Don-Yod traz embaixo um texto tibetano extraído do capítulo III do *Madhyamakavatastra* que descreve os nove níveis de concentração:

1. Concentração interior (*cittam sthapayati*).

2. Concentração contínua (*cittam samsthapayati*).

3. Concentração calma (*cittam abasthapayati*).

4. Concentração firme (*cittam upasthapayati*).

5. Harmonização (*cittam damayati*).

6. Apaziguamento (*cittam*

samayati).

7. Apaziguamento completo (*cittam vyupasamayati*).

8. Concentração em um ponto (*cittam ekotirakoti*).

9. Equanimidade (*cittam samadadhati*).

Essas nove etapas são vencidas com a ajuda de seis forças: as forças de audição, de resolução, de memória, de consciência, de energia e de investigação.

O *Yogacaryabhūmisastra* traz, no capítulo XXX, uma parte sobre o *samatha* onde são enumerados e descritos os nove níveis de concentração que levam ao *samatha*. Mas ele ainda não é o despertar, por isso, na gravura de Don-Yod, encontra-se, pela segunda vez, no alto, a presença de uma chama, simbolizando os esforços a serem feitos ainda. Atingindo o *samatha*, o adepto deve continuar meditando sobre a Vacuidade.

O tema do elefante aparece raramente no budismo chinês, mas é mais freqüente no budismo indiano e tibetano. O *Mahavyutpatti*, dicionário sânscrito-tibetano de termos budistas do começo do século IX, cita várias vezes expressões relacionadas ao elefante e principalmente as que tratam de seu adestramento. No *Madhyantavibhangatika* (capítulo XIV), usa-se a metáfora do adestramento do elefante. Note-se que a tradução chinesa desse texto fala de um búfalo e não de um elefante:

decifrar, perde-se o melhor; fica-se só com a beleza da casca – o envoltório das histórias é lindo – mas não teremos o cerne da questão.

Como tem sido a “reverberação” delas entre os integrantes do Grupo Gurdjieff, e o público de fora que aqui tem comparecido?

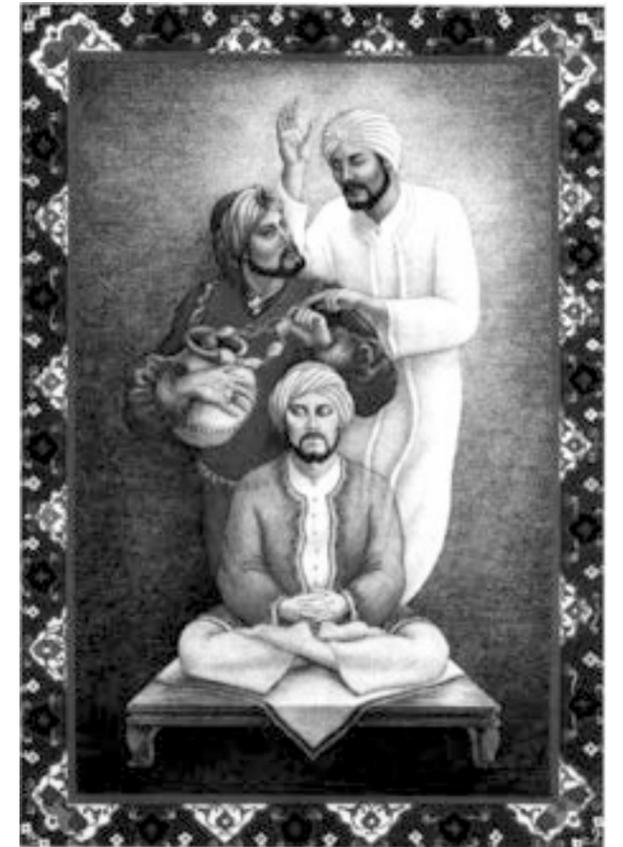
Dentro do nosso Grupo realmente as pessoas adoram, estão gostando muito, porque elas apelam muito fortemente para os mundos do sentimento e do intelecto. As pessoas do Grupo Gurdjieff têm escutado diferentes histórias de diferentes tradições e, por isso, têm um alto grau de aproveitamento. Para as pessoas de fora, está muito interessante também, porque elas se encantam, em primeiro lugar, com a nova forma de contar a história e, em segundo lugar, com a sua interpretação, e isso nos estimula a abri-las para esse público maior. Já estamos pensando em (na próxima vez) apresentá-las durante quase uma semana a mais para o público de fora. Até agora, só temos utilizado a propaganda boca a boca, em que pessoas do Grupo Gurdjieff vão trazendo amigos, parentes, etc. Daqui por diante, queremos fazer um apelo um pouco maior, publicitário, anunciando mesmo o evento

durante uma semana e os interessados terão acesso aos ingressos, para não lotar tanto a sala, como aconteceu na última vez. Queremos que venham pessoas de fora, pois essa é uma forma de influenciar, é claro que sempre relativamente, o mundo de fora, das pessoas que não têm nenhuma noção do que é trabalho interior, busca interior. Elas se deixam

tocar pelas maravilhas contidas nessas histórias, escritas para nos mostrar um mundo muito mais interessante, agradável e gostoso que o do dia-a-dia. Não são uma forma de escapismo, não, evidentemente não são. Mas dão a nostalgia, o vislumbre de uma outra realidade.

Como surgiu a idéia de tornar-se um contador de histórias?

Na realidade, foi necessidade também e uma vontade interior que se manifestou. Na minha vida tudo tem ocorrido dessa forma:



vem uma indicação interna, uma certa vontade, um ímpeto para caminhar em determinada direção. É um ímpeto justo, não de sair como louco, mas um desejo, eu diria mesmo uma vontade de seguir uma certa direção. Então, tive essa vontade de contar histórias e foi, como poderíamos dizer em outros termos, uma revelação. Eu não sabia como iria fazê-lo, praticamente nunca tinha assistido a contadores de histórias, e isso foi até bom porque fui obrigado a buscar dentro de mim mesmo a melhor maneira de contar a história; isso vem se aprimorando. Mas é sempre assim, você tem de

obedecer a uma espécie de voz interna que diz: “faça tal coisa”. Quando você a escuta e segue, fica gostoso, muito gostoso. Sem essa voz interna as coisas seriam forçadas, não teriam graça para o público; se a voz vem de dentro, fica natural fazer aquilo e você tem o ardor de fazê-lo. Tudo o que a gente faz na vida precisa ter o ardor, os meios e a competência (desculpe falar assim). E aí, a coisa pode sair.

Nós notamos que você, enquanto contador de histórias, conforme vai aumentando sua experiência, vai-se apresentando com maior desenvoltura, leveza e a gente sente que você está apreciando cada vez mais esse seu trabalho. Como tem sido a sua experiência de preparar a apresentação das histórias, e como é que você se sente no palco?

A experiência realmente vai aumentando, e você, como eu já disse há pouco, tem de ter um grande gosto em contar. Quanto mais a gente vai preparando, lendo, falando em voz alta para si mesmo, esse gosto vai aumentando e a história é tão bem escrita, tão bonita, flui tão bem, que é gostosa de ser lida e contada. Esse ardor, como eu dizia antes, pega, ele é uma força que vem de dentro e me faz encarnar realmente a história. E no palco,

quando a gente encarna isso, faz a platéia ver realmente a história; é como se você fosse quase um diretor de cinema. Minha proposta é essa, é tentar fazer com que as pessoas enxerguem o que eu estou falando. E isso é interessante porque, quando temos essa intenção no palco, elas começam a ver, entram num estado mais profundo de consciência, saem do seu estado habitual, que é o do homem da rua, do homem adormecido, e entram em um estado de maravilhamento. E nesse estado de maravilhamento, elas vêem a história se passar. Se eu falo, por exemplo, num gênio que aparece, a pessoa vê o gênio; conto algo sobre uma princesa linda, maravilhosa, de cabelos lisos que vão até os joelhos e as pessoas vêem essa beleza, e assim por diante. É gostoso fazer as pessoas verem e, se não tiver esse ardor, se não tiver essa convicção ao contar a história, as pessoas escutarão com ouvidos normais, e isso não me interessa. O que me interessa quando conto histórias é levar as pessoas para um outro nível de consciência, e isso parece que tem acontecido, segundo a minha avaliação e de algumas outras pessoas, evidentemente. As histórias têm o poder de trazer à tona um sentimento profundo em nós; os símbolos ali contidos chamam o intelectual

superior. A função da história é encantar as pessoas que escutam; através do jeito de contar, a pessoa se vê num outro mundo, sai do dia-a-dia, se transporta para um mundo de magia. Tanto é que, antes de começar a história, fazemos um apelo à imaginação; por exemplo, pedimos ao público que imagine que estamos em outro mundo, que os elefantes estão chegando, os carneiros estão sendo tosados, os gênios estão aparecendo, etc. O mundo mágico existe, não é uma ficção. As histórias tradicionais, como as das *Mil e Uma Noites*, falam de coisas que parecem ser apenas literatura, mas, na verdade, tratam de um mundo que existe realmente dentro de cada um de nós. Temos apenas de entrar em contato com ele. Podemos dizer que existe uma faixa da nossa consciência que pode se conectar com o que está sendo contado nessas histórias.

O cinema tem hoje uma tecnologia incrível, pode fazer aparecer o que for, mas o teatro não, é limitado no sentido tecnológico. Por outro lado, ao ouvir histórias, a gente fica com a imaginação ativa, e todos nós podemos imaginar o que quer que seja, criar tudo, não há limites para a imaginação ativa, não é? Então, esse poder talvez ultrapasse qualquer tecnologia ...

* *Neshamah*, “a alma divina”, a super alma, é o mais penetrante poder intuitivo que leva aos segredos de Deus e do universo.

* *Nefesh* corresponde ao corpo astral.

AS DEZ ENCARNAÇÕES DE VISHNU



Por muito tempo, numerosas divindades foram associadas a *Vishnu* sob a forma de homens ou animais. Essas representações não assumiram o caráter de uma manifestação, mas o de uma encarnação. Sempre que o mundo esteve em perigo, sempre que as forças do Mal ameaçaram suplantarem as do Bem, *Vishnu* desceu de seu Paraíso para encarnar na Terra. Há dez principais encarnações (avatares) que já apareceram ou ainda aparecerão em sucessivos períodos sobre a Terra e que, em termos de evolução humana, estão relacionadas com suas diferentes fases de desenvolvimento. Além dessas, há catorze encarnações secundárias. A primeira encarnação é a de

Matsya, o homem-peixe.

Um peixe ordenou a *Manu*, o ancestral da humanidade, que construísse um barco porque haveria um grande dilúvio. Quando este fato ocorreu, a arca foi puxada por um grande peixe. Havia nela um casal de cada criatura viva. O peixe salvou igualmente os Vedas das mãos do demônio, *Hayagriva*. *Matsya* tem quatro braços e, como atributos, uma roda, uma concha de molusco, uma clava e uma flor de lótus.

O CAMINHO DO APAZIGUAMENTO

1. Concentração do mental.
2. Memorização (corda).
3. Consciência.
4. As seis curvas do caminho,

ou seja, as seis forças, sendo a primeira a *força da audição*. É apoiando-se nela que se realiza o primeiro nível de desenvolvimento.

5. O elefante representa o mental e sua cor negra, a obscuridade do mental.
6. O macaco representa a dispersão e sua cor negra, as distrações.

7. A partir daí, até o sétimo nível, há uma chama que diminui até desaparecer. Essa diferença de tamanho mostra a diferença entre os esforços de concentração.
8. A *força de resolução*. Graças a ela, realiza-se o segundo nível de desenvolvimento.
9. Absorção contínua do mental.
10. Os cinco objetos que representam as percepções agradáveis aos sentidos simbolizam as distrações.
11. A partir daí, o elefante torna-se progressivamente branco começando pela cabeça, o que indica a gradual fixação do mental e o aumento da lucidez.
12. A *força da memória*. Graças a ela, realiza-se o terceiro e o



OS TRÊS FILAMENTOS DO ESPÍRITO

“E Noé gerou três filhos” (Gn 6, 10)

O rabino Hiyya disse ao rabino Judah:

— Vou contar-lhe o que ouvi a respeito dessas palavras bíblicas. Pode-se compará-las a um homem que entrou nos recônditos de sua caverna e apareceram-lhe três filhos bem diferentes em caráter e comportamento. O primeiro era virtuoso, o segundo, malfeitor e o terceiro, comum. Do mesmo modo, há três filamentos do espírito que se movem de lá para cá e são atraídos para três mundos diferentes. *Neshamah* (a alma divina)* é emitida, adentra passagens montanhosas e então se une a *ruah* (o espírito). Em seguida, decai e neste ponto *nefesh* (a alma vital)* une-se a *ruah* e os três encadeiam-se formando uma unidade.

O rabino Judah acrescentou:

— *Nefesh* e *ruah* estão associadas, enquanto *Neshamah* habita o caráter de um homem cujo local permanece desconhecido e oculto. Se o homem esforça-se por levar uma vida pura, é auxiliado, nesse sentido, por *Neshamah*, por meio da qual se purifica e santifica, e recebe o nome de santo. Porém, se não se esforça por levar uma vida pura e justa, não é comandado pela divina *Neshamah*, mas apenas pelos outros dois ní-

veis, *nefesh* e *ruah*. Além disso, aquele que entra em estado de impureza é induzido a ele cada vez mais e fica privado da ajuda divina. Assim sendo, cada qual avança no caminho que escolheu.

O MAIS ALTO GRAU DE FÉ

A “alma” (*nefesh*) permanece em relação íntima com o corpo, nutrindo-o e sustentando-o; ela está na parte de baixo, é o primeiro impulsor. Tendo adquirido o devido mérito, torna-se o trono onde o espírito (*ruah*) se assenta, como está escrito, “até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto” (Is 32, 15). E então, quando os dois, alma e espírito, compreenderam devidamente o significado deles mesmos, tornam-se merecedores de receber a “alma divina” (*Neshamah*), que, por sua vez, assenta-se no trono do espírito (*ruah*). A alma divina permanece preeminente, mas não é perceptível. Há trono sobre trono e, no topo, um trono.

O estudo desses níveis da alma leva-nos a uma compreensão da mais alta sabedoria; e é com base em tal modelo que ela nos permite concatenar vários mistérios. O corpo adere a *nefesh*, o impulsor da parte de baixo; exatamente como na chama de uma vela, a luz obscura da base adere intimamente ao pavio, sem o qual ela não pode existir. Quando completa-

mente ardente, torna-se um trono para a luz branca que está acima dela e, quando as duas atingem sua plena resplandecência, a luz branca torna-se trono para uma luz que não é totalmente perceptível, uma essência incognoscível que repousa sobre a luz branca e, a partir daí, torna-se uma luz perfeita.

O mesmo ocorre com o homem que atinge a perfeição e é chamado de “santo”, como no versículo que diz: “Quanto aos santos que há na terra” (Sm 16, 30). O mesmo ocorre no mundo de cima. Assim, quando Abraão penetrou na terra (de Canaã), Deus apareceu diante dele e Abraão recebeu *nefesh* e ali ergueu um altar para tal nível (de divindade). Então, “seguiu dali, indo sempre para o sul” (Gn 12, 9) e recebeu *ruah*. Finalmente alcançou o auge da ligação com o divino por meio de *Neshamah* e, em seguida, “ergueu ali um altar ao Senhor”, por meio do qual se expressa o inefável grau de *Neshamah*. Então, percebendo que deveria testar-se passando por todos os níveis, seguiu em direção ao Egito. Lá, resistiu à sedução das entidades demoníacas e, após ter-se submetido à prova, retornou à sua morada; e, de fato, “saiu do Egito” (Gn 13, 1). Tendo intensificado e fortalecido sua fé, atingiu seu mais alto grau. A partir daí, Abraão conheceu a suprema sabedoria e, fiel a Deus, tornou-se Seu braço direito no mundo.

Exatamente. Hollywood gasta milhões para fazer uma produção e nós aqui, praticamente sem gastar nada, fazemos com que a pessoa veja o que ela quiser. Ela vê mais do que veria com 100 milhões de dólares, porque está na própria Bagdá e em outras regiões variadas do planeta, e isso é incrível! O que você falou sobre a imaginação ativa é fundamental; é como se nós tivéssemos de trabalhar para que as pessoas adquiram uma imaginação ativa ao escutar a história.

Na sua última apresentação, você contou a história com uma fidelidade total ao texto original. Qual a intenção que está por trás disso?

Cada vez mais, como eu disse ainda há pouco, tenho a intenção de transmitir o texto exatamente como ele aparece na versão das *Mil e Uma Noites* que estamos usando. Quero repetir as palavras que estão no texto, porque ele está muito bem escrito, foi muito bem traduzido para a nossa língua, e por si só já traz um encantamento. Eu li outras versões dessas histórias em português ou mesmo em inglês, que não têm essa propriedade de entrar nas pessoas. Então, nosso interesse é repetir a versão *ipsis litteris* e, assim, fazê-la entrar muito mais no ouvinte e, ao mesmo tempo,

como trabalho pessoal meu também, usar meu mental ativo para contá-las não com minhas palavras, mas com as palavras que estão no texto, o que sempre é mais difícil. É fácil adaptá-las ao nosso jeito de falar, usar verbos que estamos acostumados a usar. Por exemplo, essa versão usa o “tu”, que é pouco usado aqui em São Paulo, e fica mais difícil de memorizar. Mas isso é interessante como trabalho pessoal, porque, ao mesmo tempo, elas não podem ser contadas como se tivessem sido decoradas, mas como se estivessem sendo criadas naquele momento. A grande beleza dessa forma de contar é que o texto fica impresso no mental. No decorado falta alma; quando fica impresso no mental, ao contar, a história parece ter uma alma por trás ...

Nos dias de apresentação, a casa transforma-se em uma grande festa. Cria-se um ambiente mágico por meio da música, dos efeitos sonoros, da decoração do ambiente e do traje que você usa. A finalidade disso é tocar o sentimento do público?

É evidente que sim. O ambiente da casa já é um ambiente mágico, pelo jardim, pela aparência do salão, e também pelo cenário criado para a história. Ao mesmo tempo, procuro também usar tra-

jes que evoquem um ser diferente contando histórias. É importante! Sabemos que “o hábito faz o monge”. Se eu usasse *jeans* para contar, talvez não houvesse o menor problema, mas se eu posso colocar um pouco de Hollywood nisso tudo ...por que não? O contador pode-se dar ao luxo de se vestir como quiser, mas tem de ter o espírito de contador. Nessa última apresentação eu me vesti de cigano, um cigano estilizado, e é interessante porque atraí a visão das pessoas pelo fato de tê-las feito sair do seu mundo cotidiano e entrar em um mundo mágico. Esse mundo exige efeitos que ajudam a imaginação a ficar ativa; uma imaginação passiva é uma desgraça para o ser humano e a ativa, uma glória.

Do jeito que você está evoluindo como contador de histórias, daqui a pouco vai estar dançando e cantando! Vai acabar fazendo concorrência para o Fred Astaire e o Pavarotti; eles que se cuidem!

De fato, é necessário que essa voz de dentro, essa intuição interna, nos guie. Se for para dançar, danço, se for para cantar, canto, evidentemente dentro do possível; não vou querer cantar desafinadamente. Mas, se for o caso, por que não? Se isso fizer parte de uma história, sim. Temos de ser livres; se tivermos a oportunidade, va-



mos fazê-lo, porque o público espera magia de quem está-se apresentando, espera do “artista” o inusitado, o diferente. Para ver o igual é só ficar em casa e ligar a televisão; ele espera surpreender-se em uma apresentação, é claro que sempre dentro dos bons limites, do justo e do correto.

Essas histórias serão recontadas por escrito? Os comentários feitos sobre elas, nos dias de apresentação, serão publicados?

Sim, há um pessoal que já está fazendo a preparação e uma das histórias está inteiramente pronta. Temos até mesmo um filme de vídeo que foi feito; ainda não colocamos à venda a que está pronta. Está esperando em uma filazinha de lançamentos ... Essa história foi reescrita pelo Junqueira (um de nossos companheiros do grupo), e acrescentamos os comentários das quatro apresentações, com perguntas e respostas. Algumas perguntas se assemelham, mas as respostas são sempre diferentes, e tenho certeza de que, pouco a pouco, elas interessarão a um público maior.

Você já pensou na possibilidade de mudar o “manancial” onde busca as histórias, ou as Mil e Uma Noites vão continuar a ser a fonte?

No passado, já contamos muitas

histórias de diferentes tradições, passadas em diversos lugares. Mas, agora, estamos realmente empenhados nas *Mil e Uma Noites* e vamos ficar um bom tempo nelas porque, ao serem contadas, são portadoras de uma beleza que as outras histórias não têm de forma tão marcante. As histórias hindus são interessantes, mas não têm a beleza que provoca interesse nas pessoas, não têm, e olha que a gente tem muito material. Mas a beleza contida nas *Mil e Uma Noites*, esse interesse, essa empatia que se estabelece com o público, é difícil de ser encontrada. Elas são completas, pois atingem todos os níveis do ser humano: o mental, o emocional e o físico; tocam o sentimento (a parte profunda do emocional) e o intelecto superior. Então, é difícil, por enquanto, sair delas, e há muita coisa para se contar. Eu tenho fugido das histórias conhecidas do tipo Ali Babá, Aladim e outras que as pessoas pensam que conhecem, mas que, de fato, não conhecem. Logo, logo, vou fazer alguma coisa com as conhecidas. Mas existem tantas desconhecidas que não ficaram famosas e que são extremamente agradáveis. São tão gostosas de ser contadas, que não é necessário sair delas por enquanto.

Você também exerce a atividade de escritor. Fale-nos dessa

sua experiência.

Essa atividade de escrever, na realidade, significa uma necessidade de expressar a experiência que temos tido nos grupos de trabalho. Não é pela atividade em si, mas sim para treinar um poder interno. Eu não sou um escritor, não me considero um escritor, mas isso sai em nome de uma profundidade, em nome de Deus, de algo superior a nós, ou como você quiser chamar. Tem de ser um veículo em que me coloco à disposição dessa força superior para transmitir qualidade naquilo que está sendo escrito. Não basta apenas escrever, você precisa falar do maravilhoso. Existem muitos escritores, cem vezes melhores como escritores, que falam sobre o mundo corrente do dia-a-dia, das banalidades, etc. Isso é uma possibilidade interessante, mas não descreve o mundo interior, da profundidade, fala só dos problemas mundanos, das dificuldades das pessoas. O importante, no meu caso e no de quem quer transmitir algo dessa profundidade, é escrever em nome dela e não do mundo neurótico. As histórias tradicionais, como acabamos de expor, também apelam para nosso mundo interior e, ao fazê-lo, tornam-se uma forma de lembrança desse mundo que está perdido. Elas transformam a vida das pessoas. É esse o objetivo.

E pense seriamente em arrumar um outro emprego, uma nova ocupação, um trabalho mais light, mais prazeroso, mais digno, mais humano.

Se você não encontrar razões para ser livre, invente-as.

Seja criativo.

E aproveite para fazer uma viagem despreziosa, longa, se possível sem destino.

Experimente coisas novas. Troque novamente. Mude, de novo. Experimente outra vez.

Você certamente conhecerá coisas melhores e coisas piores do que as já conhecidas, mas não é isso o que importa.

O mais importante é a mudança, o movimento, o dinamismo, a energia. Só o que está morto não muda!

Repito por pura alegria de viver: a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena!!!

Um poema de Jorge Luiz Borges

Se eu pudesse viver novamente a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros.

Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.

Seria mais tolo ainda do que tenho sido. Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério. Seria menos higiênico.

Correria mais riscos.

Viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios. Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e comeria menos lentilha, teria mais problemas reais e menos imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto de sua vida.

Claro que tive momentos de alegria. Mas se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos.

Porque, se não sabem, disto é feita a vida, só de momentos.

Não os perca agora.

Eu era um desses que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um pára-quedas.

Se voltasse a viver, viajaria mais leve.

Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o final do outono.

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez a vida pela frente.

Mas, já viram, tenho 85 anos e estou morrendo.

Um poema de Clarice Lispector

Mude,
mas comece devagar,
porque a direção é mais importante
que a velocidade.

Sente-se em outra
cadeira,
no outro lado da mesa.
Mais tarde, mude de mesa.

Quando sair,
procure andar pelo outro
lado da rua.
Depois, mude de caminho,
ande por outras ruas,
calmamente,
observando com atenção
os lugares por onde
você passa.

Tome outros ônibus.
Mude por uns tempos o
estilo das roupas.
Dê os seus sapatos
velhos.
Procure andar descalço
alguns dias.

Tire uma tarde inteira
para passear livremente
na praia,
ou no parque,
e ouvir o canto dos passarinhos.

Veja o mundo de outras
perspectivas.
Abra e feche as gavetas
e portas com a mão
esquerda.

Durma no outro lado da cama...
depois, procure dormir
em outras camas.

Assista a outros
programas de tv,
compre outros jornais...
leia outros livros,
Viva outros romances.

Não faça do hábito um
estilo de vida.
Ame a novidade.
Durma mais tarde.
Durma mais cedo.

Aprenda uma palavra nova
por dia
numa outra língua.
Corrija a postura.
Coma um pouco menos,
escolha comidas
diferentes,
novos temperos, novas
cores,
novas delícias.

Tente o novo todo dia,
o novo lado,
o novo método,
o novo sabor,
o novo jeito,
o novo prazer,
o novo amor,
a nova vida.

Tente.
Busque novos amigos.
Tente novos amores.
Faça novas relações.

Almoce em outros locais,
vá a outros restaurantes,

tome outro tipo de bebida
compre pão em outra
padaria.
Almoce mais cedo,
jante mais tarde ou vice-
versa.

Escolha outro mercado...
outra marca de sabonete,
outro creme dental...
tome banho em novos
horários.

Use canetas de outras
cores.
Vá passear em outros
lugares.
Ame muito,
cada vez mais,
de modos diferentes.

Troque de bolsa,
de carteira,
de malas,
troque de carro,
compre novos óculos,
escreva outras poesias.

Jogue os velhos relógios,
quebre delicadamente
esses horrorosos
despertadores.

Abra conta em outro
banco.
Vá a outros cinemas,
outros cabeleireiros,
outros teatros,
visite novos museus.

Mude.
Lembre-se de que a Vida
é uma só.

A BELEZA DE SER

Beatriz Sztutman, Bia: buscadora séria, esposa, mãe, amiga, artista plástica, ceramista. Estamos juntas há tantos anos no Grupo Gurdjieff de São Paulo e só agora percebo que sei tão pouco a respeito da sua vida...

E mesmo assim é como se nos conhecêssemos desde sempre... prova de que a nossa biografia não importa. A minha história particular é igual à sua. Temos uma origem biológica que nos influencia, determina. Temos um corpo físico que precisa ser respeitado. Você sofre de um mal, eu de outro. A saúde é um bem comum que perseguimos. É assim com o dinheiro, a profissão, com o amor, quem é que não quer ser amado, admirado? Nós nos entendemos profundamente porque a minha história é a sua história. Mas eu não posso viver a sua história nem você a minha. Não podemos transferir esta responsabilidade para ninguém. Na verdade o que importa não é o que vivemos, mas como o vivemos. Por exemplo, quando eu revelo a minha profissão para alguém, crio imediatamente uma barreira, uma imagem que precisa ser transposta. O outro se identifica comigo ou não, classifica, critica, mistifica, sem nem saber **como eu trabalho, qual a minha meta**. E, na maior parte

das vezes, as imagens que se criam ao redor das profissões são falsas; da mesma maneira, temos imagens falsas do que significa ser cego, bonito, rico, e assim por diante. Fruto da não-vivência. Aqui dentro, aprendemos a olhar para nós. Leva tempo aprender a ouvir, perceber o som da verdade por trás de cada palavra. As minhas variadas atividades e papéis fizeram com que eu entendesse melhor o nosso mundo. Um mundo mentiroso. Faz-se um jogo para sobreviver. Nem todos sabem que é um jogo. Tem gente que leva a sério os papéis que nos escondem, roupas, linguagem, se deixa seduzir. Percebemos muito cedo que vivemos num mundo mentiroso e sofremos com isso. No começo tentamos escapar. Com o tempo aprendemos a aceitar, a mentir, somos engolidos, já não vemos a

mentira. Demorei para encontrar novamente o fio da meada e acabei entendendo o mundo dos homens de um jeito que jamais imaginei que pudesse entender. Lembro-me de que uma vez, já adolescente, passei muitos meses tentando descobrir onde estava a verdade: na palavra, no olhar ou na ação. Observava as pessoas, pensava. Na época não cheguei a nenhuma conclusão. Por que alguém diz uma coisa e faz outra? Por que alguém demonstra um desejo e o trai com palavras e ações? Estas questões me inquietavam.

E hoje? O que mudou para você?

Eu me comovo com o drama humano. Não dá para condenar ninguém, nem a nós mesmos, principalmente quando conhecemos a origem de tudo. Percebemos que,



Botticelli, *O nascimento de Vênus*

mesmo tendo adquirido instrumentos sofisticados para combater a confusão, dar coerência ao caos da nossa vida, a dificuldade é imensa, é inerente à vida. Mas ela pode ser transposta por meio da força de vontade e com ajuda de fora. Essa ajuda significa compreensão, acolhimento, espaço e oportunidades para se agir. É um modelo divino. Quanto mais próximos estivermos desse modelo, mais próximos estaremos de nós, dos outros.

Todo mundo tem uma história, tem uma origem no Tempo, além de uma origem atemporal. De onde vem a Bã, carne e osso?

É uma pergunta que mexe comigo. Faz com que olhe com carinho para trás. Há pouco tempo, descobri uma fotografia da minha tataravó no meio de outras tantas que se salvaram milagrosamente da loucura que foi a Alemanha nazista. A foto é de 1906. O olhar da minha tataravó é o mesmo da filha, da neta, da bisneta. Não sei nada da sua vida mas nem é preciso. Dá para continuar voltando até encontrar Adão e Eva. Um monte de gente amando e lutando para que ao final eu pudesse estar aqui, e agora os meus filhos também... Por sorte nasci no Brasil. Do contrário teria morrido, provavelmente, num campo de concentração, como o resto da família. Jamais teria a oportuni-

dade, não só de viver, mas sobretudo de pensar, me transformar. Muito cedo na vida aprendemos a conviver com alegria intensa e tristeza, dor. O choque que isso provoca nos faz crescer, entender o mundo desde pequenos, mesmo que não seja de forma verbal. Convivi desde pequena com a divisão. Eram duas línguas, duas culturas se chocando constantemente. Para sobreviver foi preciso andar no meio.

Todos passamos por experiências que marcam a nossa vida como seres espirituais. Você pode nos relatar algumas?

Uma vez, eu era bem pequena, enquanto observava alguns adultos conversando entre si, tive uma certeza repentina, calma, de que eles estavam perdendo o que havia de mais importante na vida, eles não estavam entendendo nada, não estavam percebendo nada, tive certeza de que existe outro mundo, o mundo de onde eu viera, tive certeza de que somos todos iguais e que a vida aqui era uma ilusão. Me senti estranhamente sábia. Só me lembrei desse momento muitos anos depois... A partir dos sete anos, fui vítima de preconceitos numa idade em que não tinha como entender a sua origem. Fiquei perplexa. A minha única salvação foi entrar para dentro de mim. Lá encontrei novamente a

certeza que jamais me abandonou: a certeza de Ser, de ter valor, de vir de outro mundo, de um mundo onde há justiça, verdade, amor, apesar da raça, da cor, do corpo, de todos os limites que me fizeram sofrer. É muito fácil destruir uma criança. É muito fácil. É só não lhe dar atenção, compará-la às outras, esquecer que ela pensa, sente e age... Esse tipo de experiência fez com que eu fosse acordando...

Aos 11 anos, numa roda de crianças, um padre nos explicava como usar o fio dental para escovar os dentes. Ele estava muito alegre e explicou tudo com tanto calor e cuidado, ao mesmo tempo que olhava para nós... Aquele olhar foi um raio de luz na minha vida. Não era o olhar de um pai orgulhoso, de uma mãe amorosa. Era outro olhar. Pela primeira vez alguém olhava para o meu Ser, alguém me compreendia por inteiro. Coincidência ou não, ainda com 11 anos um outro “mestre” espiritual, orientando um grupo de crianças do qual eu fazia parte, deixou clara a sua preferência por aquelas crianças que tinham um nome, uma tradição, pais atuantes na comunidade... A vida foi-me ensinando uma porção de coisas.

As melhores lembranças que tenho da minha infância estão vinculadas à música, à natureza e à leitura. A família toda praticava música. Tocávamos vários instru-

YOGA

Martha Machado D'Andrea

Sinto-me feliz e grata pela possibilidade que me foi ofertada de participar a cada edição deste periódico tão especial com uma coluna sobre *yoga*.

Sempre que leio algo em que o autor se dirige ao leitor de maneira direta e afetuosa, eu aprecio e me sinto, de alguma maneira, próxima do autor. Então, será assim que procurarei conversar com você, leitor amigo.

Estarei sempre dizendo que esta matéria é vastíssima e digna de um aprofundamento cada vez maior, mas isso depende também de um alargamento gradual de nossa consciência.

Estaremos caminhando juntos nesta vereda, e eu de minha parte, dentro de meu modesto conhecimento, estarei mostrando um pouco das coisas que me encantam neste caminho difícil, mas muito gratificante.

Quando entro numa sala de aula, coloco-me, em primeiro lugar, como instrutora, mas também, e no mesmo grau, como praticante de *yoga*. Ao executar o *asana* (postura física), permito que o corpo o assuma de forma plena, relaxada e consciente, isto é, que o centro mental, o centro

emocional e o centro motor (corpo) aceitem a postura.

Se você prestar atenção, quando qualquer exercício físico é solicitado, nosso mental resiste (estou cansado(a) hoje!!!), nosso emocional resiste (amanhã eu vou criar coragem!!!!) e nosso corpo resiste, tensionando-se muito mais que o necessário para a execução da postura.

O que acontece quando tomo



consciência de tudo isso? Relaxo, e os efeitos do *asana* serão bem mais profundos.

Com esse trabalho, vamos harmonizando esses três centros e também entramos em contato com o quarto corpo, que a tudo

assiste; com essa harmonização, há um refinamento gradual do nosso ser.

Trouxe para vocês um trecho de um texto do Gorg Fenerstein, autoridade internacionalmente reconhecida por seus estudos sobre a tradição do *Yoga*.

“*Hatha Yoga* – O cultivo de um corpo de diamante. O ‘*Yoga* vigoroso’ ou *Hatha Yoga* é um produto da época medieval.

Seu objetivo supremo é idêntico ao de todas as formas autênticas de *yoga*: transcender a consciência egóica e realizar o Si Mesmo, a Realidade Divina.

Entretanto a tecnologia psicoespiritual do *Hatha Yoga* gira especialmente em torno do desenvolvimento do potencial do corpo, para que este seja capaz de suportar a força e o peso da realização transcendente.

Os estados místicos de consciência podem ter um efeito profundo sobre o sistema nervoso e o corpo em geral. O *Hatha yogin*, portanto, trabalha para fortalecer o corpo.

Assim, as disciplinas do *Hatha Yoga* foram criadas para facultar a manifestação da realidade suprema no corpo e na mente humanos e finitos.”

Até breve!!!

(Fone para contato: 4618-0765)

O DESPERTAR DO PENSAR

Beatriz Sztutman

Abri o livro e.....

“De súbito compreendi, com todo o meu ser, que certas idéias, que tinha aceitado até então como verdades incontestáveis, não eram corretas. Anteriormente, tinha visto apenas um lado das coisas; agora, via-as sob uma luz diferente. Uma porção de perguntas surgia em minha cabeça a propósito do problema que havíamos abordado.”

“*Encontros com homens notáveis*” de G.I. Gurdjieff

Aprendi a viver num mundo no qual é impossível chupar cana e assobiar ao mesmo tempo. Formas estanques, claras, definidas, leis físicas irrefutáveis. Como duvidar de uma pedra que cai? Descubri que é possível rir e chorar ao mesmo tempo e mais, um sim às vezes quer dizer não, e vice-versa. Mas no dia-a-dia continuei aplicando o raciocínio aparentemente óbvio de que dois corpos não podem ocupar simultaneamente o mesmo espaço. A minha cabeça percebe, e por força das circunstâncias o meu corpo aceita, mas o meu coração se entristece com essa idéia. Não quero saber de limites. Tentei forçá-los, um por um. Passei anos viajando, li milhares de livros, tornei-me perita nas artes musicais, culinárias e marciais. Fui dona de banco, tive consultório sentimental. A minha casa se encheu de amigos mas eu, por dentro, permaneci vazia. Perdi o que tinha, conheci a hipocrisia, a pobreza, a tristeza, a fome e a soli-

dão. E de súbito compreendi.

Compreendi que só sabia comer com garfo e faca, chorava com hora marcada e havia parado de pensar. Mudando de humor a cada momento, nem percebia as mudanças do universo ao redor. Um dia me chamaram de feia, burra e chata. A compreensão me atingiu rápida, como que vinda de outro mundo. E agora, o que é feito das minhas idéias? Inocente, busquei o chão sob os pés. Então existe um lado a mais, dois, três? Surpresa, dor, alívio, insegurança ... e, ainda sob o efeito do choque, adquiri uma nova convicção. Somos assim. A experiência deste vazio em particular é libertadora, mas é penosa, inusitada, impossível sustentá-la. Meu ser inteiro se comove. Não existem verdades incontestáveis... e como eu as queria!... nós mudamos, mudam as circunstâncias... somos os primeiros a ansiar por mudanças, férias de nós, férias do mundo. E por que não tiramos férias?



Todas as idéias, afirmativas ou negativas, não são corretas, pois o mundo é colorido. Não existem nem os cinzas neste pobre mundo que criei. Tenho medo. Por medo, tornei-me pretensiosa e fugitiva da verdade. Não faço revisões. Sigo ordens sem pensar. Não reconheço limites. Sou escrava de idéias separatistas que sanciono como leis. Mas de súbito compreendi...

Gurdjieff aponta-nos um caminho cheio de esperança. Mostra que não precisamos nos aferrar a nossas idéias nem mudá-las, seria um esforço inútil. Mas podemos olhar para esse nosso estado lamentável e assim crescer, pois, quando olhamos, algo começa a mudar por si. Uma porção de perguntas podem surgir na nossa cabeça, tornando-nos mais humildes, prontos para receber uma chuva de respostas. Ficamos redondos.

A idéia que tenho do meu corpo pesado, feio, assombrado, uma pessoa deprimida e infeliz, mas que insiste em saber das coisas, amplia-se para dar espaço também para um corpo cheio de vida e calor, uma criatura plena de força e alegria, convicta de que não sabe de nada.

É da confluência das idéias que nasce a consciência, plena de possibilidades, berço do Ser. Nesse universo o impossível se torna real.

mentos, dançávamos, cantávamos. Fazíamos longas caminhadas pelas montanhas. Apontávamos um pico de longe e sem caminhos, trilhas, tentávamos alcançá-lo. Eram conquistas, aventuras sem preço para uma criança. Devorei contos, lendas, mitos, ia me identificando com a magia, o universo das fadas, dos deuses. A televisão jamais entrou na casa dos meus pais. Paguei um preço por isso, mas hoje acho que valeu a pena.

Foi fácil para você entrar no mundo adulto?

Eu estava bem preparada, embora na época eu não soubesse disso... Descubri o mundo, fascinada, enquanto me afastava da infância. Passaram-se muitos anos até que eu percebesse que me faltava alguma coisa de muito essencial. Várias causas defendidas, várias profissões exercidas com devoção, um marido e dois filhos queridos depois, um dia me vi novamente diante de um olhar inconfundível. Desde então estou no Grupo Gurdjieff de São Paulo. Dentro do Grupo, é esse o olhar que nos une. Não importa quantas vezes o perdemos, substituímos por orgulho, inveja: conhecemos o caminho de volta. Aprendi que **o que garante o caminho de volta é a memória**, que pode sempre ser ativada dentro de nós. Ela per-

mite que a gente se veja de fora. Fruto da consciência, sempre que olhamos com atenção para alguma coisa, alguém, um fato, e **isso é uma escolha**, estamos enchendo a gaveta da memória, garantindo um acervo de experiências que podem dar algum sentido para a nossa vida. É por meio da memória que nós nos ligamos a Deus. Você se volta para dentro e se liga diretamente.

Se você pudesse resumir, qual foi a grande lição de vida que o Grupo passou para você?

A grande lição que nos foi legada pelas tradições sagradas é de que é possível ser feliz: acordar, mudar, transformar-se. Gurdjieff deixou para nós um conjunto inesgotável, de instrumentos para alcançar esse fim. Quando você toma consciência de si, do estado em que se encontra, quando você consegue se ligar a alguém, se entregar de corpo e alma, quando começa a perceber que pode entrar no seu corpo e contribuir para lhe devolver o bem-estar e a saúde através da sua vontade, você recupera uma força, uma fé, uma esperança, um amor que ficaram esquecidos em algum canto do passado. Somos animais, sim. Vivemos no mundo dos sentidos, dos instintos, mas não só. Temos um limite que pode ser ampliado. O corpo físico é o que temos



de mais denso. É matéria pesada, difícil de ser transformada. Mas existem em nós outras realidades muito mais poderosas. Da mesma maneira que podemos transformar uma relação sexual numa entrega amorosa, todo o nosso corpo, tão distante de nós, pode ser entendido de uma nova maneira. Um buscador não anda nas nuvens. Trabalha concretamente para transformar matéria grosseira em matéria sutil.

Posso dizer que a experiência mais comovente que tive e procuro preservar é a experiência da vida pulsando dentro de mim. É um estado de leveza, alegria e plenitude difícil de se descrever.

Qual o maior desafio do trabalho interior?

Olhar para si, deixar cair defesas. É muito difícil olhar para si, aceitar o que se vê, assumir erros, reconhecer limites, aceitar a nossa humanidade. Queremos ser especiais, usamos e defendemos fachadas. Não há nada mais ridículo do que uma fachada. O maior desafio é abrir mão da maquiagem, aparecer nu diante do outro. Temos medo de que não sobre nada e tentamos nos enganar o tempo todo... Ao mesmo tempo, a liberdade que se experimenta nos momentos em que se rompem as defesas não tem preço. Você passa a ser Você e acaba

contaminando o outro... Por não abrimos as nossas defesas, não conseguimos olhar para além de nós, não vemos o outro. Olhamos para o outro e vemos somente a sua aparência. O maior desafio do trabalho interior é a abertura para o Amor.

Você pode dar um exemplo concreto desse olhar para si, deixar cair defesas?

Certa vez, terminei um trabalho e olhei satisfeita para o resultado. As minhas formas, antes muito estruturadas, agora fluíam livremente. Enquanto assim olhava percebi que ultrapassara um limite, sim, mas que isso era previsível. O modelo anterior se esgotara. Eu trabalhara apaixonadamente, mas não havia mérito pessoal, produto original, somente uma conseqüência lógica do meu fazer. Percebi, olhando friamente, que eu vivera a vida inteira com uma falsa imagem de mim, das minhas possibilidades, do significado dos meus esforços, ações, formas que nasciam sob as minhas mãos: **defesas**. Nada crio, nada penso, nada sinto. Algo acontece em mim apesar de mim... tudo o que crio é reflexo de forças que me servem de modelo. Vou-me construindo enquanto trabalho, tornando-me mais redonda. E é só. Onde eu vira uma linha subindo em direção a um pedestal,

havia na verdade uma espiral sem fim... todas as experiências da vida cabem nessa espiral... No começo foi um choque. Depois um alívio. Eu não estava mais sozinha. O sentido da minha ação era a própria ação. Estava todo mundo no mesmo barco, com o apoio incondicional de forças do Alto. Depois dessa experiência, comecei a trabalhar com mais alegria, segurança. As formas nasciam, seguiam seu caminho, eu olhava de longe e tomava consciência. Fui capaz de entender a origem das forças que criam tudo no Universo das Formas e me aproximar do outro por meio de referências universais e não somente pessoais. A experiência da consciência me devolveu naquele momento a minha humanidade. Entendi pela primeira vez o esforço da Beatriz desde menina, seus primeiros gestos, manifestações. Fiz as pazes com o mundo. Entendi que não faz a menor diferença a atividade que você exerce, desde que esteja ligada, presente, inteira nela. Vou dar um outro exemplo. Sempre olhei para mim como se fosse eterna, quer dizer, a gente vive como se não fosse morrer. Temos uma relação muito defensiva com a morte. Aprendemos assim. Como se não fosse natural, fosse uma exceção. Pega-nos de surpresa, com violência, com imenso sofrimento. A morte, longínqua,

quando atinge pessoas do outro lado do muro que criamos para não sofrer, deixa de existir. Diante da morte, mais de uma vez, deixei cair as minhas defesas. Eu me vi como sou, nem mais nem menos. Não é preciso ter medo nesse momento. Pois esse é um momento verdadeiro. É possível aprender a conviver com a morte. Sempre que me vejo de fora, sempre que observo a minha raiva, o meu ódio, a minha inveja, preguiça, assisto simultaneamente à morte de uma parcela desprezível da Beatriz.

O que você está vendo agora, neste momento?

Vejo que andamos bastante. Vejo também muito sofrimento inútil no mundo... em mim... juntos, podemos nos acordar mutuamente, impedir que a dor tome conta de nós. Podemos celebrar a vida em cada encontro e convocar as forças que teimamos em afugentar com os nossos pensamentos e as nossas emoções negativas. O trabalho interior não acaba nunca. Faz-se ao longo da vida e nunca sozinho. Neste momento, assim como já tivemos tantas, estamos tendo uma oportunidade nova e estimulante de trabalhar construindo esta revista. Espero que ela possa crescer, amadurecer, florescer e lançar muitos frutos com a ajuda de todos.

ENEAGRAMA

por Renatus

ESPECULAÇÕES NÃO CONCLUSIVAS

No século XVII, o jesuíta Athanasius Kircher desenhou o eneágono como três triângulos equiláteros inseridos no círculo. Cada triângulo representava uma classe de três anjos, que eram vistos pelo Cristianismo como intermediários entre Deus e o Mundo. Segue, abaixo, o detalhamento de minhas considerações:

Considerações

1. Aplicando a soma teosófica aos números dos vértices dos triângulos teremos:

$$1.4.7 = \text{soma } 3$$

$$8.5.2 = \text{soma } 6$$

$$9.3.6 = \text{soma } 9$$

Cada triângulo poderia simbolizar:

- a) Choques?
- b) Corpos?
- c) Ou ...??

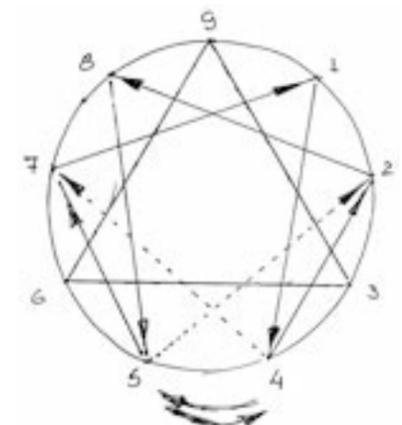
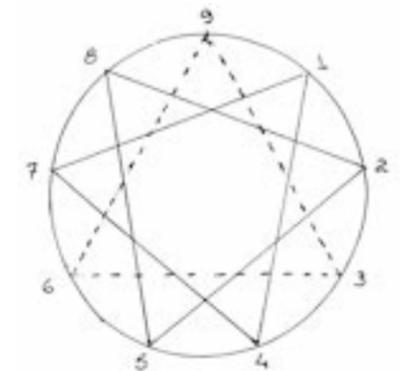
2. Consideremos agora o triângulo central fixo e os demais com movimentos internos. O triângulo 1-4-7 move-se no sentido horário e o triângulo 3-8-5 no sentido anti-horário, obtendo assim um equilíbrio (vide setas). Notamos, entretanto, que, apesar do equilíbrio, teríamos vários pontos de colisão.

Imaginemos a possibilidade de harmonizar e integrar os dois triângulos sem prejuízo de seus movimentos. Isso pode ser feito substituindo o lado 7-4 por linha 7-5 e o lado 2-5 por linha 2-4. Note que não houve prejuízo da orientação. O resultado seria o eneagrama transmitido por Gurdjieff.

Teria tal especulação algum sentido?

Referências: The Eneagram - Palmer, Helen

The S. Enneagram Discovery I&Guide - Daniel, Davi



das como natureza carnal e natureza espiritual.

Nossa natureza terrestre é constituída basicamente pelos seguintes centros:

Centro mental – composto pelas forças mentais e intelectuais expressas pelos pensamentos e imagens mentais.

Centro emocional – formado pelas energias emocionais que se manifestam através das emoções.

Centro biológico – constituído pelo corpo físico e pelas energias orgânicas responsáveis pela manutenção da vida e pela *m o v i m e n t a ç ã o* corpórea.

Centro sexual – responsável pela reprodução e pelas energias sexuais.

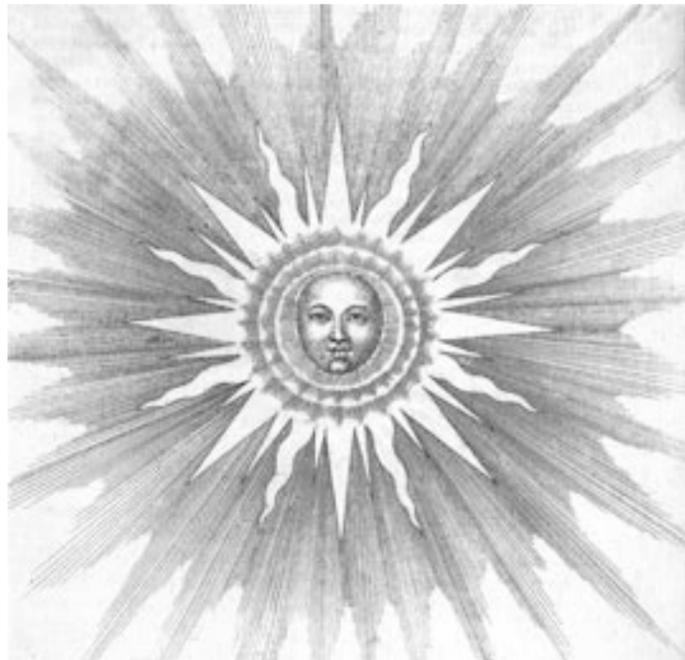
A natureza celeste já é mais difícil de reconhecer, porque as energias que a com-

põem são muito mais finas e sutis. Não que sejam mais fracas ou menores. Pelo contrário. Mas as impressões que elas produzem são de reconhecimento mais difícil, pois necessitam de um tipo especial de atenção, além de um apaziguamento das energias dos centros terrestres.

Podemos ter a percepção de nossa natureza celeste quando pas-

samos a ter consciência de impressões tão inefáveis quanto o silêncio, o vazio ou a paz profunda. O sentimento de presença no “aqui-agora”, tão simples e tão poderoso, também faz parte dessa natureza.

Quando vivenciamos o amor, a justiça, a compaixão ou a plenitude, entramos no mundo celeste. Nesses momentos experi-



Oppenheim, 1617

mentamos a existência como uma milagrosa e misteriosa realidade.

Nossa natureza celeste é mencionada pelas grandes tradições como: Paraíso, Jardim do Éden, Reino dos Céus, Terra Prometida, Nirvana ou simplesmente Céu.

Só que atualmente somos dominados pela nossa parte terrestre.

Isto é, somos comandados de baixo para cima. E a libertação só ocorre quando conseguimos inverter essa ordem. Temos de nos colocar sob o domínio de nossa parte celeste. Precisamos elevar-nos além do limite terrestre, submetendo-nos ao Poder Superior.

E se o íntimo do homem for capaz de servir àquilo que o transcende, então não há nenhuma razão por que o homem não possa transcender também seu sofrimento e escravidão.

O crescimento e o amadurecimento acontecem quando aceitamos servir voluntariamente a algo que excede a nós próprios. O ponto central da questão não é servir ou deixar de servir. Mas sim a quem servir. Sempre

estamos servindo para alguma coisa. Só o fato de existir já implica serventia para algo, porque no Universo tudo é interligado. Mesmo um pequeno grão de areia serve para ajudar a formar a montanha.

Que esta mensagem seja, portanto, uma exortação ao servir voluntário à nossa Natureza Celeste, pois desse modo o servir é alegria.

Um Poema de Madre Teresa de Calcutá

Muitas vezes as pessoas são egocêntricas, ilógicas e insensatas. Perdoe-as assim mesmo. Se você é gentil, as pessoas podem acusá-la de egoísta, interesseira. Seja gentil assim mesmo.

Se você é uma vencedora, terá alguns falsos amigos e alguns inimigos verdadeiros. Vença assim mesmo.

Se você é honesta e franca, as pessoas podem enganá-la. Seja honesta e franca assim mesmo.

O que você levou anos para construir, alguém pode destruir de uma hora para a outra. Construa assim mesmo.

Se você tem paz e é feliz, as pessoas podem sentir inveja. Seja feliz assim mesmo.

O bem que você faz hoje pode ser esquecido amanhã. Faça o bem assim mesmo.

Dê ao mundo o melhor de você, mas isso pode nunca ser o bastante. Dê o melhor de você assim mesmo.

Veja você que, no final das contas, é entre você e Deus. Nunca foi entre você e as outras pessoas.

Meditação

Mary Celeste

Fecho os olhos, esqueço de lembrar,
Fico atenta, junto à respiração,
Sinto o corpo, meu sangue a latejar
No compasso real do coração.

E a pele, este invólucro especial,
Recebendo as mensagens do exterior,
Alimenta de dados o mental
Que os transforma em ondas de calor.

Neste embalo de pura sensação
Entre choques elétricos sutis,
Todo o ser vai-se abrindo a esta visão
De outro mundo, sem formas e feliz.

Lentamente me instalo no silêncio
E descubro uma nova dimensão
No espaço total da escuridão,
Que vai muito mais longe do que penso.

Ampliado ao nível do Infinito,
O meu ser, de galáxias florido,
Entrevê o mistério do Vazio,
E o pulsar do divino vivencio.

JÓIAS PINÇADAS DE UM TESOURO

O *Timeu* de Platão e a formação do Universo

Stella Maria Fraga Pernet

Maria Aparecida Ramos De Stefano

Cíntia Fernandes Contreiras

Primeiramente vamos invocar os deuses, como faz o próprio *Timeu*, para que nos ajudem a expor, com clareza, nossas vivências ao estudarmos a primeira parte desse diálogo de Platão que é, em muitos aspectos, o mais influente na história do pensamento filosófico e teológico do Ocidente. A seguir, retiradas do próprio texto, trazemos algumas dessas jóias:

1 - Quanto ao Autor e Pai deste Universo, encontrá-Lo exige grande esforço e, depois de encontrado, não é possível falar Dele a toda a gente.

2 - O mundo é a mais bela das coisas que nasceram, e o seu Autor, a melhor das causas...

3 - Ele (o Autor) era bom e naquele que é bom nunca nasce inveja seja pelo que for. Isento de inveja, quis que todas as coisas fossem, na medida do possível, semelhantes a Si mesmo.

4 - Querendo que tudo fosse bom e nada fosse mau, na medida do possível, tomou toda a massa das coisas visíveis que não estava em repouso, mas movia-se sem regra e sem ordem, e a fez passar da desordem à ordem, estimando que a ordem era preferível sob

todos os aspectos.

5 - Não é possível ao Melhor fazer uma coisa que não seja a mais bela.

6 - Este mundo, que é um ser vivente verdadeiramente dotado de alma e de inteligência, foi formado pela Providência de Deus.

7 - O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel.

8 - Aquilo que começou a ser deve necessariamente ser corpóreo e, assim, visível e tangível; mas, sem fogo nada poderia ser visível, nem tangível sem algo de sólido, nem sólido sem terra.

9 - De fato, convinha que o Universo fosse um corpo sólido. Assim, como os sólidos estão sempre ligados por dois termos médios e nunca por um só, Deus pôs a água e o ar entre o fogo e a terra, e fê-los de forma proporcional um ao outro, na medida do possível...

10 - Deus sabia que, quando um corpo composto é rodeado e atacado intempestivamente pelo calor, pelo frio ou por qualquer outro agente energético, é dissolvido por eles, que introduzem nele as doenças e a velhice, e fazem-no perecer. Foi por isso que Deus

construiu com todos os todos este todo único, perfeito e inacessível à velhice e à doença.

Quando lemos o trecho correspondente à formação do Universo, nossa alma ficou profundamente tocada e pôde “re-conhecer” a verdade de que Deus é o Bem Supremo, fazendo “re-nascer” a nossa fé. Essa “lembrança do Si” nos permitiu um distanciamento da “desesperança” que, em última análise, consiste em duvidar da bondade infinita de Deus.

Nosso intuito, ao apontar essas jóias contidas no diálogo do *Timeu*, foi o de sensibilizar, da mesma forma que nos sensibilizou, os que possam vir a se interessar pelo grupo de estudos de Platão ou de outros textos tradicionais. Percebemos que a nota mais tocante dessa primeira parte do texto é o fato de ele ser um ato de amor na medida em que nos remete ao ato primordial do divino, a criação do Universo, que é o ato de Amor por excelência.



(O grupo de estudos de textos tradicionais reúne-se às quartas-feiras às 20h30min, na sala dos fundos.)

SERVIR

Mario Luiz de Camargo

“EU DORMI E SONHEI QUE A VIDA ERA SÓ ALEGRIA
ACORDEI E VI QUE A VIDA ERA SÓ SERVIÇO
AÍ EU SERVI E PERCEBI QUE O SERVIR ERA A ALEGRIA.”

Rabindranath Tagore

Poeta hindu – Prêmio Nobel de Literatura de 1913

Sempre é maravilhoso revisitar este texto de Tagore. E creio ser uma boa maneira de abrir este tema do “servir”, pois, além da beleza estética, é a pura expressão da verdade.

Servir indica a razão para a qual o Ser existe. Qual é o seu papel, qual é o seu uso, qual é o seu valor, qual é o seu desempenho ou função.

O servir permeia toda a trama de que é feita a textura do Universo. Tudo serve para alguma coisa. Não existe nada que não sirva para nada. A humanidade também não escapa dessa lei. Todos nós somos obrigados pela evolução biológica a servir ao nosso organismo. Esta servidão biológica obrigatória é nossa escravidão. Não temos como escapar. Não nesse nível!

“Com o suor do teu rosto comerás o teu pão.” (Gn 3, 19)

No entanto, o problema se agrava quando, além dessa servidão inerente à condição vital, acrescentamos um servilismo ao nosso ego, com toda a volubilidade que lhe é inerente. E permane-

mos nesse nível, iludidos pela nossa consciência instável e fragmentária, que não percebe a legião de pequenos “eus” que povoam nossa personalidade superficial. Assim, passamos a obedecer a qualquer “eu” que porventura esteja ali presente dando uma ordem naquele momento. Passamos a servir a nós mesmos. E servir a si mesmo significa permanecer no nível inconsciente e automático da ação e reação. Nessa condição, nosso comportamento é o de um autômato que trabalha sob o governo de influências exteriores. Nossa atividade depende de desejos ou aversões, freqüentemente contraditórios, produzidos por esse automatismo.

Como as reações no ser humano são muito complexas, não percebemos que estamos nessa prisão. Nesse nível nossa atenção está dispersa a maior parte do tempo e muda constantemente o foco de interesse. As impressões, tanto do mundo externo quanto do interno, atraem e aprisionam a atenção de

um lado para outro, continuamente. Acreditamos que dirigimos plenamente nossa vida, mas na verdade somos governados por estímulos que atingem ininterruptamente nossa atenção. Esse estado é a nossa condição habitual e é descrito pela Ciência como estado de vigília ou consciência lúcida. Entretanto, na realidade, essa situação se assemelha mais a um estado de semi-inconsciência e escravidão interna. Há uma ausência total de estabilidade interior. Não existe unidade nem centralidade consciente.

E o pior é que nós não nos damos conta dessa situação porque, justamente, a característica principal desse estado de consciência é a ilusão errônea de que já somos um ser plenamente consciente e que tem domínio sobre si próprio.

Dessa maneira somos submissos e servimos, sem saber, a nossa parte biológica, animal, inconsciente e terrestre.

“Ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6, 24), mas também ninguém deixa de servir a alguém. Sempre estamos servindo a alguma coisa.

Para compreender melhor o tema, temos de recorrer a uma das idéias centrais do ensinamento interior: o fato de que o homem tem duas naturezas, uma terrestre e uma celeste – também conheci-